

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

Juliano Pörsch

**SABERES DA NATUREZA E CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO INDÍGENA: O
CASO DA COMUNIDADE KAINGANG NA TERRA INDÍGENA DO GUARITA.**

Três Passos

2011

JULIANO PÖRSCH

**SABERES DA NATUREZA E CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO INDÍGENA: O
CASO DA COMUNIDADE KAINGANG NA TERRA INDÍGENA DO GUARITA.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Profa. Dra. Rumi Regina Kubo

Coorientador: Ms. José Manuel P.P. Ballivián

Coorientador: Tutora Ms. Patrícia dos Santos Pinheiro

Três Passos

2011

JULIANO PÖRSCH

SABERES DA NATUREZA E CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO INDÍGENA: O CASO DA COMUNIDADE KAINGANG NA TERRA INDÍGENA DO GUARITA.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Porto Alegre, 18 de junho de 2011.

Prof. Dra. Rumi Regina Kubo - Orientadora
UFRGS

Prof. Msc. Ieda Cristina Alves Ramos
UFRGS

Prof. Dr. Ivaldo Gehlen
UFRGS

Dr. Moacir Haverroth
Embrapa Acre

AGRADECIMENTOS

*Primeiramente, agradeço a meu pai e a minha mãe, pelo apoio desde o início de
minha caminhada;*

*À minha esposa Janice pelas noites mal dormidas, pela paciência e companheirismo em todo
este período;*

À minha filha Ana Carolina pelos momentos em que não estive presente;

*Aos colegas José Rubens, Izabel, Adelmo, Elise, Gerson e Valdir, pelo coleguismo e ajuda
mútua;*

*Agradecimento especial à Dra. Rumi Regina Kubo, pela orientação e por me guiar nestes
caminhos da etnobotânica;*

*A Patrícia Pinheiro e a José Manuel (Manolo), meus coorientadores, aos quais sou muito
grato;*

*Às famílias de Valdones Joaquim, Adair Boava da Silva, Danilo Kakune Ribeiro e João
Batista Claudino, a Rosinei Alfaiate e ao povo Kaingang pela acolhida e ensinamentos;*

*Aos professores e tutores do Plageder pelo empenho e dedicação e à equipe administrativa
pela organização e prestatividade;*

*A Sandra Righi e Jorge Thiesen pelas informações prestadas e aos amigos que não foram
citados, mas que fizeram parte desta história;*

Muito Obrigado!

RESUMO

Esta monografia estuda a diversidade de plantas e seus usos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS. Realizou-se levantamento etnobotânico a partir de três informantes-chave das comunidades de Pedra Lisa e Três Soitas. Foram analisados a forma de preparo e o modo de uso das plantas medicinais, além da parte da planta utilizada, bem como as compreensões e significações dos Kaingang frente à alimentação, plantas depurativas, plantas ritualísticas e repasse do conhecimento. As plantas foram categorizadas como medicinais, alimentares, artesanato (uso para artesanato), ritualísticas e outros usos. Registrou-se 65 espécies, pertencentes a 35 famílias botânicas, com maior predominância para a família Fabaceae, com 9,2% das espécies, seguido das famílias Lamiaceae e Myrtaceae, com 7,7% para cada espécie, e das famílias Asteraceae, Poaceae e Solanaceae, com 6,2% das citações para cada família. O grupo que apresentou mais espécies foi o de plantas medicinais, com 45 espécies citadas, atingindo 57,7% do total, seguido das plantas com uso alimentar, que responderam por 17 espécies e 21,8% de todas as citações. O uso de alimentos como promotores de saúde pelos Kaingang é bem visível na medida em que mantêm o uso de alimentos que facilitam o bom funcionamento de todo o organismo, sendo que estas plantas têm uso constante na alimentação Kaingang. As palavras “feitiço” e “segredo” foram, por várias vezes, citadas durante as atividades de campo, denotando a importância que a ritualização e os caracteres espirituais representam para este povo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnobotânica, índios Kaingang, plantas medicinais, plantas alimentares.

| ABSTRACT

This monograph examines the diversity of plants and their uses by the Kaingang Community of Terra Indígena do Guarita – RS. Ethno botanical survey was conducted from three key informants from the communities of Pedra Lisa and Três Soitas. We analyzed the form of preparation and method of use of medicinal plants, and the plant part used and the meanings of the understandings and Kaingang towards meals, purgative plants, ritual plants and transfer of knowledge. Plants were categorized as medical devices, foodstuffs, handicrafts (used for handicrafts), ritual and other uses. It was recorded 65 species belonging to 35 families, with a predominance for the Lamiaceae e Myrtaceae families, with 9.2% of the species, followed by the families Lamiaceae and Myrtaceae, with 7.7% for each species, and the Asteraceae, Poaceae and Solanaceae families, with 6.2% of citations for each family. The group that was presented more species of medicinal plants, 45 species cited, reaching 57.7% of the total, followed by the use of food plants, which accounted for 17 species and 21.8% of all citations. The use of food as health promoters by Kaingang is clearly visible as they keep using food to facilitate the proper functioning of the whole organism, and these plants are in constant use Kaingang power. The words "spell" and "secret" were repeatedly cited during field activities, demonstrating the importance that the ritual and spiritual character to represent these people.

Keywords: Ethnobotany, Kaingang, medicinal plants, food plants.

Lista de Figuras

Figura 1: Localização da T.I. Guarita e dos locais de pesquisa.....	20
Figura 2: Visita à casa de uma família informante com a equipe da pesquisa.....	22
Figura 3: Reunião com parte dos sócios da Associação Agroartes	23
Figura 4: Variedade de milho nativo para consumo da família.....	28
Figura 5: Venda de artesanato em Seminário Regional de Turismo na cidade de Tenente Portela com a presença da Secretária de Estado do Turismo	30
Figura 6: Distribuição das famílias botânicas das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS	32
Figura 7: Habitats de coleta das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS.....	33
Figura 8: Hábitos de crescimento das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS	34
Figura 9: Distribuição das citações por categorias de uso das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS	35
Figura 10: Distribuição das citações por formas de preparo das plantas de uso medicinal nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS	36
Figura 11: Pilão usado para soque de pisé e remédios	37
Figura 12: Parte utilizada das plantas de uso medicinal nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS	38
Figura 13: Distribuição dos tipos de doenças e problemas tratados com plantas medicinais nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS	39
Figura 14: Abóbora e moranga usadas pelas famílias Kaingang para alimentação, mas a semente tem uso medicinal.....	40
Figura 15: Detalhe do <i>fuva</i> (fuá) em fruto	42
Figura 16: Crianças auxiliando na ortografia Kaingang.....	49
Figura 17: Lasca de casca de açúcar.....	52

Lista de Siglas

APG – Angiosperm Phylogeny Group

COOPERFAMILIAR – Cooperativa Agropecuária dos Agricultores Familiares de Tenente Portela

COMIN – Conselho de Missão entre Índios

COREDE – Conselho Regional de Desenvolvimento

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

PNPIC – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

RS – Estado do Rio Grande do Sul

SEMA – Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SUS – Sistema Único de Saúde

TI – Terra Indígena

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Sumário

Introdução	10
1. A Etnobotânica e os Kaingang	13
1.1. A Etnobiologia e a etnobotânica	13
1.2. A etnia Kaingang	15
1.3. Levantamentos etnobotânicos na região de estudo	17
1.4. Metodologia do trabalho	20
2. Terra Indígena do Guarita: características e interações	24
2.1. Aspectos da organização da Terra Indígena do Guarita	24
2.2. A Economia	26
2.2.1. Agricultura	26
2.2.2. Artesanato	29
2.2.3. Outras fontes de renda	30
3. Levantamento etnobotânico Kaingang	32
3.1. Levantamento etnotaxonômico das plantas	32
3.1.1. Habitats de coleta das plantas utilizadas	33
3.1.2. Hábito de crescimento das plantas utilizadas	33
3.2. Uso das plantas pelos Kaingang	34
3.2.1. Formas de preparo das plantas de uso medicinal	35
3.2.2. Parte da planta utilizada para fim medicinal	37
3.2.3. As principais doenças e problemas tratados a partir de plantas medicinais	38
4. Significações e interpretações da cultura e etnoconhecimento Kaingang ..	42
4.1. Alimentação	42
4.2. Resolução dos principais problemas	44
4.3. Doenças espirituais e plantas ritualísticas	47
4.4. Identidade Sócio-cultural	48
4.4.1. Repasse Geracional	50
4.4.2. Circulação do conhecimento no grupo	50
4.5. Conhecimento etnoecológico e coletas de plantas medicinais	50
5. Conclusão	52
5.1. Considerações Finais	53
6. Referências	55

Introdução

A presente monografia possui como tema a utilização de plantas pela comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita, no Rio Grande do Sul. A escolha do tema relaciona-se a possibilidade de construção de um conhecimento acadêmico a partir de informações etnobotânicas e da valorização das culturas autóctones junto à população geral da região Noroeste do Rio Grande do Sul.

A Terra Indígena (TI) do Guarita, local de realização deste estudo, foi homologada em 04 de abril de 1991, possui área total de 23.406 ha e 5.210 habitantes, segundo FUNASA (2009) *apud* ISA (2010)¹. Destes 23.406 ha, praticamente a metade ainda possui vegetação primária (Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Mista) com baixa degradação antrópica. Está localizada nos municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco.

Nas palavras de Sompré (2007, p. 27), a TI Guarita apresenta “cobertura de mata primária de 51,18%, mata secundária 20,52%, capoeira 18,17%, uso agrícola 8,59% e solo exposto 1,54%”. A população da TI é de maioria Kaingang, mas também possui habitantes da etnia M'byá Guarani.

Esses povos mantêm a utilização de plantas medicinais e ritualísticas no local. Sua área é distribuída em oito setores Kaingang, sendo eles: Missão, Estiva, São João do Irapuá, Bananeiras, Pau Escrito, Km-10, Três Soitas e Pedra Lisa. A etnia M'byá Guarani habita na Comunidade de Gengibre. Deste trabalho, participam especificamente as comunidades de Três Soitas e Pedra Lisa.

É importante citar a sobreposição da TI Guarita com o Parque Estadual do Turvo (Floresta Estacional Decidual – Bioma Mata Atlântica), área de proteção integral com 17.491 ha, Unidade de Conservação criada em 1947 e que, infelizmente, é o último grande fragmento protegido deste tipo vegetacional no Rio Grande do Sul (SEMA, 2005).

Atualmente, o bom relacionamento com algumas pessoas da comunidade Kaingang e com membros de entidades que atuam com os índios facilitam o atendimento dos objetivos deste trabalho, que visa analisar a diversidade de plantas e de seus usos específicos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS, realizando um levantamento de espécies de plantas utilizadas, sua caracterização ecológica e sua identificação etnotaxonômica, bem como a categoria e forma de uso de cada espécie ou grupo de espécies,

¹ISA. POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (PIB). **Terra Indígena do Guarita**. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3680> acesso em 12 de setembro de 2011.

além de buscar compreender alguns aspectos dos significados das plantas para a comunidade Kaingang.

A partir de minha atuação profissional e de buscas bibliográficas, constata-se que há uma carência de estudos na região sobre o tema proposto. Este trabalho, além de seus objetivos acadêmicos, pode contribuir para o maior reconhecimento e respeito à comunidade indígena Kaingang na comunidade regional, pela valorização de sua cultura e de seu conhecimento milenar.

A integração cada vez maior que ocorre entre as comunidades indígenas e a população “colonizadora” em todo o Brasil contribui para a perda de conhecimentos milenares das culturas autóctones, as quais incorporam novos elementos nessa dinâmica cultural. Há de se considerar também que, por muitos anos e ainda hoje, se considera o uso de remédios caseiros² ou “xaropadas” com tom pejorativo de charlatanismo e seu uso socialmente condicionado a pessoas pobres financeiramente, ocorrendo pouca valorização local para o conhecimento tradicional.

Ainda temos de citar a inserção da medicina convencional ou biomedicina (principalmente na forma de medicamentos) na comunidade indígena através dos programas governamentais de saúde, em detrimento à cultura tradicional. Trata-se de um dos aspectos relacionados ao contexto proposto em Greene (1998) de intermedicalidade, que abarca essa situação de pluralismo terapêutico, resultado das situações de fricções interétnicas. Uma zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde, ou seja, o espaço de fricção entre biomedicina e saberes locais (GREENE, 1998; FOLLER, 2004). Além das Unidades de Saúde nas Sedes dos Municípios de Tenente Portela e Redentora, cada setor indígena possuía uma unidade da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), que era a responsável pela assistência à saúde indígena. Recentemente, foi criada a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), ligada diretamente ao Ministério da Saúde, substituindo a Funasa na responsabilidade pela saúde indígena no Brasil, as quais basicamente se utilizam da medicina convencional em seus tratamentos. Durante a realização desta pesquisa, a SESAI substituiu as atividades da FUNASA na TI do Guarita.

Outro fator importante é a forma de utilização das plantas medicinais e a concepção de saúde e doença, tanto por indígenas como por caboclos (e outras populações tradicionais), em comparação com colonos de origem europeia. Enquanto os dois primeiros grupos se utilizam

² Para maiores detalhes ver: Di Stasi, L.C. **Plantas Mediciniais**: verdades e mentiras. Ed. UNESP, São Paulo, 2007.

de plantas com “poder” mais forte visando à depuração (“limpeza”) do sangue e o fortalecimento do organismo, o último grupo se utiliza mais de paliativos, como chás para dor de cabeça, dor de barriga, infecções na garganta, entre outros. Neste sentido, a “nova” medicina repassada nos postos de saúde pode, ao longo do tempo, debilitar a saúde da comunidade indígena pelo não uso dos “fortificantes” do organismo.

Este estudo visa levantar dados que sirvam para o desenvolvimento acadêmico e também devolver estas informações às comunidades estudadas através da socialização dos conhecimentos registrados na pesquisa e da valorização deste conhecimento. Desta forma, a questão de pesquisa que se coloca é: quais as formas de uso e compreensões acerca das plantas utilizadas pela comunidade Kaingang?

O objetivo deste trabalho é analisar a diversidade de plantas e seus usos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS, realizando um levantamento de espécies de plantas utilizadas, a caracterização ecológica, a identificação etnotaxonômica, bem como a finalidade e a forma de uso de cada espécie ou grupo de espécies, a partir de três informantes-chave das comunidades de Pedra Lisa e Três Soitas. Busca da mesma forma tecer algumas interpretações sobre a importância e significado cultural destas plantas para a comunidade Kaingang e para as comunidades do entorno.

Será dada ênfase maior às plantas medicinais e alimentícias, principalmente porque se relacionam com uma das questões centrais para a reprodução social destes grupos: a saúde em sentido amplo.

Como aproximação com o tema da pesquisa, possuo conhecimento na área de identificação taxonômica de espécies vegetais nativas e conhecimento básico sobre ecologia, tendo cursado disciplinas de Botânica e Ecologia na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) de Frederico Westphalen-RS. Nesta área, também auxiliiei a aluno concordância de gênero de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), citar nome do(a) aluno(a), no ano de 2009, em trabalho de campo no Parque Estadual do Turvo, efetuando a identificação de espécies da flora da Floresta Estacional Decidual, em sua denominação popular e classificação taxonômica das espécies.

Com relação à experiência profissional, trabalho há dez anos na Emater/RS-Ascar, empresa oficial de Assistência Técnica e Extensão Rural no Rio Grande do Sul, tendo atuado, neste período, com agricultores familiares, pescadores artesanais e indígenas. Especificamente com os indígenas, atuei na elaboração de laudos periciais de lavouras atingidas por estiagem. No momento, estou iniciando as atividades profissionais no Escritório da Emater/RS-Ascar de

Tenente Portela, onde se incluem atividades profissionais a serem desenvolvidas na comunidade indígena.

Ainda referente à experiência profissional, desenvolvi no município de Derrubadas, RS, no ano de 2005, com parceria da Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente e do aluno de doutorado em Botânica pela UFRGS (hoje Doutor), Adriano Dias de Oliveira citar lá em cima, um projeto de reflorestamento de mata ciliar denominado Corredor Ecológico do Rio Parizinho, que abrangeu os municípios de Derrubadas, Barra do Guarita e Tenente Portela. Esse projeto visava a formação de um corredor entre o Parque Estadual do Turvo e a Terra Indígena do Guarita. Em Derrubadas, o projeto abrangeu 15 famílias e 10 ha de área reflorestada ou enriquecida, sendo utilizadas 30 espécies de árvores nativas.

Em 2008, fui instrutor de curso realizado na região dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) Noroeste Colonial e Celeiro, denominado Projeto de Educação Ambiental em Áreas de Turismo Rural, nos tópicos de Caracterização e Identificação da Flora e Fauna Regional e suas interações.

É importante ainda considerar as minhas interações pessoais com as formas diferenciadas de medicina. Tive, na infância, a cura de uma doença que tinha diagnóstico de cirurgia a cirurgia seria a recomendação de tratamento; diagnóstico refere-se à doença, através de benzimento. Além disso, na adolescência, fui vizinho de duas filhas de João Martins Fiúza, o “Sarampião”, famoso curador na região e que seguidamente visitava as filhas trazendo seus litros de “xaropada” que eram encomendados na cidade³.

1. A Etnobotânica e os Kaingang

Neste capítulo, serão abordados os principais referenciais que subsidiaram o trabalho e que também contribuiriam para melhorar o diálogo com os entrevistados, tendo em vista o retorno dos resultados e a valorização da cultura estudada.

1.1. A Etnobiologia e a etnobotânica

Podemos definir Etnobiologia, como “o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia” (POSEY, 1987, p. 15). Nesta

situação, as interações entre o pensamento lógico das sociedades “modernas” não interfere na desqualificação dos processos espirituais, cognitivos, ritualísticos, cosmológicos e de vivências dos grupos estudados.

Nas palavras de Moacir Haverroth, percebemos as diversas facetas da etnobiologia:

Dentro da etnobiologia, vários campos podem ser definidos, partindo da visão compartimentada da ciência sobre o mundo natural, tais como a etnozootologia, etnobotânica, etnoecologia, etnoentomologia e assim por diante, da mesma forma como podemos estudar diferentes sociedades a partir de uma abordagem da etnomedicina, etnofarmacologia, etc. (HAVERROTH, 1997, p. 6)

Amorozo (1996, p. 47), adaptando o conceito de Posey (1986) para etnobiologia, define a etnobotânica como “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal; este estudo engloba tanto a maneira como um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a ela”.

Albuquerque & Hanazaki (2006, p.679) comentam que “a abordagem etnodirigida consiste na seleção de espécies de acordo com a indicação de grupos populacionais específicos em determinados contextos de uso”. Os mesmos autores falam sobre os estudos em etnobotânica, demonstrando a importância das regras espirituais e da fé intrínsecas a seu uso:

Tanto a etnobotânica como a etnofarmacologia têm demonstrado ser poderosas ferramentas na busca por substâncias naturais de ação terapêutica. Apesar disso, alguns limitantes a tais abordagens podem ser mencionados, como: a dificuldade de coletar informações fidedignas das pessoas; o fato do uso de plantas em diferentes culturas encontrar-se sempre associado, em maior ou menor grau, a componentes mágico-religiosos; a existência de questões éticas que envolvem acesso a conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006, p. 680).

Segundo Posey (1992), povos ou comunidades tradicionais são sociedades que vivem em associação direta com seus habitats naturais, por séculos ou até milênios, e, por conta disso, possuem vasta experiência na utilização e conservação da diversidade biológica.

No Brasil, desde o descobrimento, os europeus que aqui chegavam foram entrando em contato com as plantas utilizadas pelos índios e adquiriam parte do imenso conhecimento que estes possuíam. Muitos bandeirantes, em suas incursões nos sertões, acabavam dependendo desta farmacopéia para sua sobrevivência (LORENZI & MATOS, 2008).

³ O conhecimento sobre plantas medicinais de “curador” foi o tema de dissertação de Rodrigo Gastal Magalhães (1997), constituindo-se em uma das principais referências da Etnobotânica do RS. Será comentado posteriormente neste trabalho.

Posey (1977) *apud* Maciel & Guarim Neto (2006) faz menção ao fato do pesquisador que lida com outras culturas, muitas vezes, impor suas próprias ideias ao levarem ao campo de pesquisa suas hipóteses já formuladas, podendo ter, nestas, fixados conceitos etnocêntricos.

Assim, a abordagem etnobotânica, além do interesse acadêmico com o conhecimento sobre as plantas pelos diferentes grupos humanos, pauta-se também por uma preocupação com as conseqüências pela realização desses estudos. Esses conhecimentos contribuem para a coesão destes grupos e a manutenção de sua cultura, mas também podem constituir soluções para os problemas de saúde ou ambiental das sociedades humanas como um todo. Salvar estes conhecimentos, reconhecendo o valor por estas questões é uma das preocupações veiculadas por esta perspectiva de estudo (POSEY, 1992).

1.2. A etnia Kaingang

Para RICARDO (1995) *apud* SILVA (2008), a etnia Kaingang pertence linguisticamente à Família Jê do Tronco Macro-Jê. É uma das maiores populações indígenas brasileiras, com mais de 20.000 pessoas. De acordo com o Comin (Conselho de Missão Entre Índios):

O povo Kaingang ocupava um extenso território que se estendia do oeste paulista ao centro do Rio Grande do Sul. Viviam em pequenos grupos que se movimentavam facilmente. Um grupo familiar permanecia em local fixo, denominado *Emã*, enquanto que outro vivia em acampamentos temporários denominados *Ware*. Por esta razão, no período em que o Rio Grande do Sul era colônia espanhola, os missionários não puderam alcançá-los para a redução em aldeamentos, tampouco os bandeirantes puderam escravizá-los. Porém, a partir de meados do século XIX e início do XX, foram todos fixados em áreas restritas, denominadas reservas. Foram, pois, abruptamente privados de seus meios de vida e a concentração compulsória afetou profundamente sua organização social tradicional (COMIN, 2003, p. 12).

Os Kaingang dividem sua sociedade, bem como toda a natureza, em duas metades exogâmicas, patrilineares, complementares e assimétricas, chamadas de *Kamé* ou *Kamê* e *Kainru-kré* (ou apenas *Kainru*, *kanhru* ou *kajru*), como relatam Silva (2008), Haverroth (1997), Comin (2003), entre outros.

Esta divisão se baseia na mitologia de origem dos Kaingang, em que Kamé e Kainru são os irmãos gêmeos que fundaram a nação kaingang (COMIN, 2003). Ela ainda hoje é existente, sendo os casamentos realizados apenas entre metades opostas. Segundo Veiga (2000) *apud* SILVA (2008), os Kaingang têm “aversão e horror à junção de coisas iguais porque elas são estéreis” e “a fertilidade vem da união dos princípios contrários”.

Conforme Silva (2008) e Comin (2003), as divisões *Kamé* e *Kainru* são representadas pelas marcas *ra teg* (marca comprida “ || ”) e *ra ror* (marca redonda “ O ”), respectivamente, e são pintadas no rosto em eventos ritualísticos como no ritual dos mortos – Kiki.

Segundo Comin (2003, p. 15), “os Kaingang partilham a ideia de que todos os animais possuem ‘senhores’, isto é, espíritos, guias (*jagre*) que os controlam e os protegem”. O *kujá* (xamã) tem o poder de transitar no mundo dos espíritos e sua atividade se manifesta durante a noite, pois a criação de *Kamé* e *Kairu* também foi à noite.

Nesta mesma lógica, Silva (2008) comenta que o *iangrë* ou *jagre*, que dá poder ao *kujá*, vem do mato (“matão” para os kaingang), de lá também vem os remédios e os nomes das pessoas. Por outro lado, o “matão” causa temor aos Kaingang. Ainda, o *iangrë* deve ser da metade oposta à do *kujá*.

Nas palavras de Silva (2008, p. 79), “o poder dos remédios oriundos da natureza é potencializado na medida em que são usados, lado a lado, ao mesmo tempo, dois componentes diversos, um considerado *kamé*, o outro, *kainru-kré*.” Já Rogério Rosa (2005), cita Haverroth (1997) e Nimuendajú (1993) que falam sobre a coleta de plantas apenas da metade clânica a que o coletor pertence, seja *kamé* ou *kainru-kré*.

Segundo D’Angelis e Veiga (s/d), os Kaingang, no passado, possuíam quatro fontes importantes de alimentos:

- a coleta: pinhões (fruto da araucária), o palmito, várias frutas do mato (Mirtáceas, ariticum, entre outras). Verduras do mato, como o fuá, o broto da mandioca-brava, o broto da abóbora e o broto de um caraguatá. Também mel de várias espécies de abelhas nativas (sem ferrão), além da erva-mate;

- a caça: por armadilhas ou arco e flecha. Principalmente de antas, porcos do mato, queixadas, veados, capivaras, pacas, cutias, tatus, entre outros, com exceção de macacos, além de caçarem pássaros;

- a pesca: através de paris (armadilhas de taquara) usados nas corredeiras;

- a agricultura: principalmente milho, feijão e morangas.

Hoje, a coleta é pouco realizada na maioria das aldeias. Quanto à caça, praticamente apenas o tatu é caçado. A pesca é pouco influente na alimentação devido às condições de degradação de rios e arroios. Na agricultura, cultivam-se o milho, feijão, morangas, além de mandioca e batata-doce. Considera-se também, atualmente, a criação de porcos e galinhas, além de gado bovino (D’ANGELIS & VEIGA, s/d).

Ainda segundo Comin (2003), os derivados de milho (*gãr*), como o pixé (*pisé*: milho torrado com cinzas e socado no pilão) e a canjica (*kajyka*), são bastante consumidos pelos

kaingang. No entanto, muitas famílias acabam comprando a farinha de milho ou a substituem por farinha de trigo. Também é feito bolo nas cinzas, com preparo à base de farinha de milho e assado na brasa. Pode-se comer puro ou acompanhado por feijão (*rãngró*), fuá/erva-moura (*fuva*) e carne.

Para Rosa & Gogulski (2002), há considerável diferença entre as formas de colheita e preparo dos remédios se comparados os Kaingang e os colonos de origem europeia. Em primeiro lugar, geralmente os índios não possuem o remédio armazenado, a não ser aqueles que a família usa no cotidiano, e, quando necessário para alguma doença, buscam no mato, conforme a doença, época e lugar.

Outra diferença está no preparo. Como os Kaingang sempre estiveram em constante movimento, tinham dificuldade de ferver a água em suas cuias ou potes de barro, sendo assim, se utilizavam de outros meios para o preparo, como mastigação das folhas com saliva e engolidas, folhas mastigadas e diluídas com água fria, socadas e bebidas com água fria, morna ou fervida, tinturas no álcool, xarope, pomadas de gordura de animais, cataplasmas com barro, compressas de barro misturadas com plantas e saliva, fazendo pó, queimando planta e usando cinza ou carvão, além de ferver a planta na água (ROSA & GOGULSKI, 2002).

Afirmam, ainda, que uma importante forma de preparo do medicamento na cultura Kaingang é a socagem das plantas no pilão. O pilão tem grande importância na vida do kaingang, tanto para o preparo dos remédios como no preparo de alimentos, socagem de milho e cinza para o pixé, socagem do broto da mandioca-brava, entre outros. Interessante enfatizar a importância do uso de pós e cinzas, principalmente de troncos e cernes de madeira, utilizados como fortalecedores e para aumentar a disposição das pessoas (*idem*).

O pilão do kaingang possui diferença do pilão dos brancos, que é vertical. Por seus ancestrais não possuírem machado de ferro, se utilizavam de machado de pedra e fogo e faziam o pilão na tora deitada, sendo que, em muitos casos, chegavam a fazer até cinco buracos em uma só tora para que várias pessoas pudessem socar ao mesmo tempo (ROSA & GOGULSKI, 2002).

1.3. Levantamentos etnobotânicos na região de estudo

Magalhães (1997), em importante trabalho etnobotânico realizado na região, tendo como informante o Sr. João Martis Fiúza, popular “Sarampião”, guarda-parque aposentado e exímio conhecedor das plantas locais e de suas características farmacológicas, encontrou

maior predominância de usos de plantas das famílias Asteraceae, Leguminosae (hoje Fabaceae), Lamiaceae, Solanaceae e Rutaceae. Cabe salientar que Sarampião possuía grande influência da cultura Guarani, devido ao período em que viveu na Argentina entre estes.

No mesmo período, Kubo (1997) desenvolveu um levantamento etnobotânico das plantas de uso medicinal com as mulheres trabalhadoras rurais abrangendo todas as onze localidades do município de Coronel Bicaco-RS⁴, sendo que as principais famílias citadas foram Asteraceae, Lamiaceae e Myrtaceae.

Ritter *et al.* (2002), em levantamento no município de Ipê-RS, tiveram como resultado, quanto ao número de espécies por família, maior representatividade com Asteraceae e Lamiaceae.

No trabalho de Silveira (2005), foram catalogadas 206 espécies vegetais utilizadas pelos Kaingang no Rio Grande do Sul, divididas em 74 famílias, com predominância da família Asteraceae (37,84%), Fabaceae (21,62%), Myrtaceae, Poaceae e Solanaceae que, juntas, corresponderam por 37,5% das plantas catalogadas.

Nas palavras de Silveira (2005), baseado em Etkin (1998):

[...] o conhecimento indígena do poder curativo das plantas tem provocado espanto na ciência contemporânea, pois se trata de um outro tipo de conhecimento, muito antigo, que difere dos princípios da lógica e dos cinco sentidos convencionais, conduzindo a estados alternados de consciência (SILVEIRA, 2005, p. 103).

Na concepção que os Kaingang possuem de doença, esta pode ser de caráter físico ou “doença do corpo”, espiritual ou “doença da alma” e coletivo da tribo ou “doença da terra” (SILVEIRA, 2005). Também Rosa (2005) comenta como causa de doenças, entre os Kaingang, o afastamento temporário do *kuprîg*, ou *kuprim* (espírito) do corpo de um Kaingang.

Silveira (2005, p. 106) salienta ainda que “tanto as medidas curativas quanto as preventivas estão carregadas de elementos mágicos e ritualísticos que refletem seu modo de ver o mundo e com ele se relacionar”. Neste sentido, a simples replicação da receita dada por pessoas de outra cultura que não possuem o entendimento de sua ritualização pode não refletir no resultado que teria na comunidade de origem.

Moacir Haverroth (1997), em pesquisa realizada na Área Indígena Xaçepó, no Oeste de Santa Catarina, verificou a etnoclassificação das plantas pelos Kaingang e cita alguns critérios que seguem na nomenclatura e classificação etnobotânicas. Entre estes, estão:

- o local de ocorrência da planta;

⁴ No período de realização deste levantamento, neste município, residia o Sr. João Martis Fiúza, o “Sarampião”.

- aspectos teóricos e comparativos (kamé, kanhru) (classificação simbólica);
- aspectos morfoecológicos (classificação morfoecológica);
- aspectos utilitários (classificação utilitária).

Para Rosa & Gogulski (2002), os Kaingang realizam a coleta das plantas levando em consideração as fases da lua e o tipo de planta de acordo com uma classificação etnobotânica que leva em consideração a forma da folha. Desta forma, podem tirar da planta ou de parte dela, maior concentração de princípio ativo. Nesta perspectiva, estes autores propõem a seguinte classificação (ROSA & GOGULSKI, 2002).

a) Plantas com folhas lisas, podendo ser lisas em forma de “V”, em forma de “3 pontas”, arredondadas, lisas compridas, lisas de árvores espinhosas.

Ex.: jabuticaba, pitanga, pururuca, araçá-do-campo, casca-de-anta, araticum.

b) Plantas com folhas aveludadas:

Ex.: sete-capotes, canjerana, fumo-bravo, fedegoso, curupιά, jurubeba, cedro, dorme-dorme.

c) Plantas com folhas serrilhadas, podendo ser serrilhadas arredondadas, serrilhadas compridas e serrilhadas com espinhos:

Ex.: amoreira, ameixeira-do-inverno, camboatá-vermelho, pau-amargo, boldo-graúdo, urtigão.

d) Plantas com folhas com espinhos:

Ex.: espinheira-santa, azevinho, ananás, pinheiro (Araucária), chinchilo, abacaxi, gravatá, mamica-de-cadela, babosa, caraguatá.

e) Moitas (ervas):

Ex.: Carqueja, taiuiá, samambaia-roxa, cipó-mil-homens, sálvia-do-rio-grande

f) Moitas (que possuem forma de salada)

Ex.: serralha, dente-de-leão, chicória-do-mato, radite-do-mato. Estas “são usadas para tratamento interno, como: tumores, cistos, miomas, pólipos, crescimentos estranhos no organismo. São poderosos calmantes. Estas plantas são muito utilizadas pelos índios na alimentação, consumidas naturalmente em abundância nas suas refeições” (ROSA & GOGULSKI, 2002, p. 36).

Nestas bibliografias percebem-se as questões botânicas, mas também, as questões espirituais e ritualísticas envolvidas por esta cultura.

1.4. Metodologia do trabalho

A coleta dos dados etnobotânicos foi realizada a partir de observação participante com coleta de informações através de entrevistas abertas, com informantes selecionados de acordo com o conhecimento que dispõem sobre o assunto (reconhecimento público) e a predisposição no repasse das informações para o trabalho.

Os locais da pesquisa foram as casas, arredores e áreas de mata nas comunidades de Pedra Lisa e Três Soitas, constituídas pela etnia Kaingang, e que ocupam parte da Terra Indígena do Guarita, dentro do território do município de Tenente Portela, Rio Grande do Sul (figura 1). Foi escolhida a etnia Kaingang devido à maior proximidade espacial do pesquisador, bem como as relações pessoais já estabelecidas com estes. Foram entrevistados e acompanhados três informantes-chave, observando a dinâmica da família destes como um todo.



Figura 1: Localização da T.I. Guarita e dos locais de pesquisa, com a linha escura na imagem indicando a divisa aproximada da T.I. Guarita.

Fonte: Google Earth

Legenda:

- 1 – Cidade de Tenente Portela,
- 2 – Setor Pedra Lisa,
- 3 – Setor Três Soitas,
- 4 – Setor Km-10,
- 5 – Área de floresta da T.I. Guarita, RS.

Foram abordadas questões relacionadas aos objetivos específicos do trabalho (a identificação das plantas, seu uso, formas de preparo, parte utilizada), bem como, em alguma medida, buscou-se, através da observação e da conversa, compreender as relações mais amplas que cada entrevistado estabelece com o uso das plantas. Para o registro dos dados, recorreu-se a gravação de áudio, fotografias e vídeo, utilizando-se ainda o diário de campo para as anotações necessárias. As plantas coletadas foram guardadas em exsiccatas, na casa do pesquisador, a fim de facilitar na identificação científica, devendo serem incorporadas ao acervo do Herbário ICN da UFRGS.

A interpretação dos dados botânicos e ecológicos foi efetuada a partir de estatística descritiva. Ao mesmo tempo, a partir da releitura das anotações e dados coletados em campo, foi efetuada a identificação das principais categorias e questões, as quais, juntamente com a consulta a outros trabalhos realizados na região, serviram para analisar os dados, buscando uma leitura que contemplasse não somente o uso de plantas, mas seus significados para a pessoa e para o grupo.

1.4.1. Inserção no campo e construção de alianças

Antes de iniciar o trabalho de campo, foi realizada visita à casa do Cacique, Sr. Valdones Joaquim, a fim de solicitar aprovação para realização do trabalho na T.I. Guarita. Foi dado ciência dos objetivos da pesquisa, bem como deixado cópia a ele do projeto de pesquisa. O cacique aprovou a solicitação e comentou que tem interesse em que haja verbo haver, no sentido de existir, não é flexionado pesquisas dentro da reserva a fim de mostrar a cultura kaingang, bem como para averiguar as dificuldades pelas quais passa a comunidade.

Também informou que a reserva possui dificuldades na elaboração de projetos para envio a órgãos governamentais e não-governamentais a fim de solicitar recursos para o desenvolvimento sócio-econômico dos Kaingang. Neste sentido, nos colocamos à disposição do cacique para assessoria na elaboração de projetos de desenvolvimento, sendo que o mesmo, quando indagado sobre quais as maiores necessidades da comunidade, falou: “[...] tu vai andar aí na reserva, vai ver o que os índios precisam [...]”, demonstrando, assim, o caráter participativo que ele possui e a capacidade de liderar sem subjugar ou achar-se “dono da verdade”.

Complementarmente, foi efetuada uma visita, juntamente com a orientadora e a tutora, de forma a apresentar o projeto e, sobretudo, estabelecer acordos. Nesta ocasião, estavam

presentes outras lideranças da comunidade e reforçou-se o interesse de maior contato com instituições de ensino e pesquisa.



Figura 2: Visita à casa de uma família informante com a equipe da pesquisa.
Fonte: Acervo da pesquisa, 24 de janeiro de 2011.

Foram realizadas visitas iniciais às famílias que seriam informantes, havendo boa recepção em todas elas, tanto nesta primeira visita, como nas demais e também nas saídas para a floresta.

A criação de vínculos de relacionamento entre pesquisador e pesquisados permitiu a realização de reunião com a Associação Indígena Agroartes, onde o objetivo era conhecer um pouco mais das necessidades de apoio à comunidade para as questões de geração de renda, a fim de planejar a construção de projetos para os indígenas.

A Associação Agroartes possui 28 famílias associadas, sendo que todas trabalham com agricultura e 22 famílias produzem e comercializam artesanato. Como resultado deste dia, já foi encaminhado projeto para a Secretaria Municipal de Assistência Social de Tenente Portela com objetivo de adquirir equipamentos e tinturas (anilina) para confecção de artesanato. O projeto está, no momento, em análise.

O levantamento etnobotânico e ecológico foi realizado privilegiando apenas as plantas que os entrevistados entendem como importantes para a sua família ou comunidade.



Figura 3: Reunião com parte dos sócios da Associação Agroartes.
Fonte: Acervo da pesquisa, 05 de fevereiro de 2011.

Por motivo de preservação do conhecimento milenar da cultura Kaingang, não está sendo usada nomenclatura científica em nível de gênero e espécie, apenas será delimitada a família a que pertence a planta, além do uso do nome popular em português e do nome kaingang quando conhecido. A identificação das famílias seguiu definição baseada em APG II, Angiosperm Phylogeny Group (Missouri Botanical Gardens, 2003), através das publicações de Souza & Lorenzi (2008), Lorenzi & Matos (2008), além dos sites do Missouri Botanical Gardens⁵ e Flora Digital do Rio Grande do Sul⁶.

⁵ Disponível em: <www.mobot.org/mobot/research/apweb/>. Acesso em janeiro de 2011.

⁶ Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/fitoecologia/lorars/index.php>>. Acesso em janeiro de 2011.

2. Terra Indígena do Guarita: características e interações

Neste capítulo, queremos trazer informações relativas à realidade sócio-econômica, cultural e ambiental da área de estudo e que são inerentes aos moradores desta Terra Indígena, bem como algumas relações que são mantidas com os não-índios de seu entorno.

2.1. Aspectos da organização da Terra Indígena do Guarita

A Terra Indígena do Guarita é distribuída em oito setores Kaingang, sendo eles: Missão, Estiva, São João do Irapuá, Bananeiras e Pau Escrito no município de Redentora; Km-10, Três Soitas e Pedra Lisa no município de Tenente Portela; e da Comunidade de Gengibre, da etnia M'byá Guarani, no município de Erval Seco.

O idioma Kaingang acha-se dividido em cinco dialetos, sendo eles o dialeto São Paulo, dialeto Paraná, dialeto Central, dialeto Sudoeste e dialeto Sudeste. O dialeto Sudoeste é falado no noroeste do Rio Grande do Sul, incluindo a Terra Indígena do Guarita, além de Nonoai, Inhacorá e por algumas famílias em Votouro, município de São Valentim.

Esses dialetos estão caracterizados por diferenças de pronúncia, emprego do vocabulário, preferências de construções gramaticais e pelo uso, ou não, das formas alternantes de substantivos e descritivos (WIESEMANN, 2002).

Atualmente, a sede do cacicado Kaingang fica no setor Km-10, em Tenente Portela, sendo cacique o senhor Valdones Joaquim. Cada setor possui suas lideranças, as quais são classificadas como major, capitão e soldados.

Quanto à criação da Terra Indígena do Guarita, citamos Menegolla:

O aldeamento da TI Guarita foi criado em 1854, havendo desde então pressão da sociedade envolvente sobre o modo tradicional de vida indígena e seu meio ambiente. A delimitação de quase 24 mil hectares do território atual em 1911 e sua demarcação em 1918 ocorreu quando as demais terras da região, tradicionalmente ocupadas pelos índios para caça e coleta, foram liberadas para empresas de colonização. A partir da década de 40, empresas madeireiras desmataram a região e as terras posteriormente foram utilizadas para agricultura extensiva, prática que se estendeu à área demarcada. Atualmente a TI Guarita é habitada por índios de etnia Kaingáng (94,2%) em 12 núcleos populacionais (aldeias), e Guarani, todos com acesso por estrada. É limitada por uma rodovia estadual asfaltada e plantações mecanizadas de soja e trigo. A maioria das famílias sobrevive da agricultura familiar de subsistência, venda de artesanato, aposentadoria, trabalhos temporários e raros empregos de funcionário de órgão público (MENEGOLLA, *et al.*, 2006, p. 396).

A TI do Guarita sempre sofreu exploração em suas áreas, seja de pinheiro (araucária) e outras madeiras de lei, de suas terras, através de arrendamento, ou pela comercialização desonesta que sempre existiu pelos comerciantes ou “bolicheiros” situados às margens da

reserva. Esta exploração era feita tanto pelos colonos e madeireiros da região, como pelo Serviço de Proteção do Índio – SPI, substituído, mais tarde, pela Funai (MATTE, 2005).

Quanto à alimentação Kaingang na atualidade, Barufaldi (2009), em estudo com escolares indígenas em 12 reservas no Rio Grande do Sul, incluindo a T. I. Guarita, constatou déficit estatural e excesso de peso nos alunos crianças e adolescentes. Esse resultado pode ser devido à redução de atividades físicas, inserção de novos alimentos de dietas ocidentalizadas e menor consumo de alimentos nativos. Também Menegolla *et al.* (2006), na T.I. Guarita, constataram excesso de peso em menores de cinco anos.

Barufaldi (2009) também cita FUNASA (2002), quando comenta sobre a alta incidência de infecções respiratórias e gastrointestinais agudas, bem como já se observa ocorrência de problemas de saúde devido a mudanças no estilo de vida, como hipertensão arterial e diabetes entre outros.

Em estudo realizado na TI Guarita, com 92 famílias, apontou que 30% dos pesquisados apresentaram consumo calórico insuficiente e 29% apresentaram consumo calórico excessivo. Também apontou que a maioria dos indígenas não atingiu 50% da necessidade recomendada de Cálcio, Ferro, vitamina A, C, B1, B2 e Niacina. A dieta era caracterizada por alto consumo de carboidratos, com muitos produtos industrializados, como macarrão, arroz polido, refrigerante, farinha de trigo, biscoitos e outros, além de carnes com alta quantidade de gorduras (“carcaça”, “pertence” e “sambica”) (SCHUCH, 2001 *apud* BARUFALDI, 2009).

Os 31,33% do território da TI Guarita que pertencem ao ecossistema da Floresta Ombrófila Mista (ISA, 2010) e que comportavam maciços de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) forneciam aos Kaingang, além do pinhão, que era base alimentar deste povo, caça abundante, principalmente paca, cutia, cateto, quati, veado, jacu, papagaio, macuco, entre outros.

Com a exploração e derrubada dos pinhais e matas adjacentes e o crescente aumento demográfico na reserva e arredores, a caça e coleta de ovos praticamente se extinguiu e o consumo de proteínas também decresceu na população kaingang. Atualmente, o consumo de carne é suprido por carnes baratas, principalmente de frango, carnes de segunda de suíno e bovino, além de mortadela.

2.2. A Economia

Quanto à economia, atualmente os Kaingang do Guarita possuem várias formas de entrada de dinheiro para as famílias, porém escassas, rentabilizando pouco o seu trabalho e mantendo uma situação precária financeiramente às mesmas. As necessidades básicas de alimentação, saúde, educação, lazer e sociabilidade dependem de recursos financeiros, que, para muitos deles, não são supridos continuamente.

Poucas famílias conseguem ter um mínimo de itens de “luxo” e possuir uma segurança financeira. No entanto, não podemos entender que esta falta de recursos seja sinônimo de baixa qualidade de vida, pois eles demonstram um relacionamento familiar e inter-familiar tão intenso que parecem ser infinitamente mais importantes para os Kaingang que dinheiro ou melhorias habitacionais ou tecnológicas, por exemplo.

Estes fatos, para muitos olhares externos reforçariam uma certa corrosão de um modo de vida, no entanto, demonstram também uma forma de permanência e perpetuação cuja força não está especificamente na materialidade dos objetos. Mostram que a cultura é um elemento que se contrói como algo dinâmico, de maneira que o ‘ser’ kaingang se dá pela diferenciação dos ‘outros’, pelo contraste, permitindo que identidade kaingang se mantém no tempo, independente das variações no modo de vida. Estas ocorrem em qualquer tempo, mas são influenciadas pelos contextos em que o grupo se encontra em cada tempo e lugar. Nesse sentido não seria mesmo possível manter um modo de vida ‘antigo’ (TOMMASINO, 2000).

2.2.1. Agricultura

Nos dias de hoje, a agricultura praticada na TI do Guarita se diferencia em aspectos tecnológicos, desta forma que falaremos um pouco sobre cada sub-sistema agrícola praticado e suas principais diferenciações.

Um sistema utilizado é o de parcerias, principalmente no cultivo de soja, milho e trigo. Neste sistema, se utilizam tecnologias próprias de monoculturas intensificadas, como o uso de sementes fiscalizadas, adubos químicos, correção de acidez do solo, dessecação antecipada de lavouras, tratamentos fitossanitários com defensivos químicos, uso de mecanização agrícola desde o plantio à colheita, entre outras tecnologias. Estas parcerias são realizadas com agricultores “brancos”, devido à dificuldade que os índios enfrentam em conseguir recursos para implantar a lavoura, comprar insumos ou mesmo ter crédito junto às empresas fornecedoras ou aos agentes financeiros.

Neste sistema, poucos kaingang detêm o conhecimento necessário das tecnologias utilizadas, o que impõe a continuidade do sistema ou a sua desistência do cultivo. Estas parcerias são principalmente realizadas nas lavouras de Latossolo Vermelho (STRECK *et al.*, 2002), ou terras vermelhas, que possuem topografia plana ou ondulada e baixa pedregosidade, o que facilita a mecanização e também respondem bem ao uso de corretivos na forma de insumos químicos.

Um problema existente é a divisão fundiária, já que algumas famílias detêm uma área de terra considerável, enquanto outras dispõem de 1 a 2 hectares. Também, às vezes, há a compra do direito de posse da terra entre os índios, aumentando esta diferença entre famílias em termos fundiários. Este tema, bastante delicado, que merece uma análise cuidadosa, não foi analisado neste trabalho.

Outro sistema é o de plantio de soja e milho por conta própria, que se caracteriza pela autonomia do índio em todo o processo, mas que, muitas vezes, apresenta deficiência tecnológica e acaba não rendendo em termos de produtividade e rentabilidade pelo cultivo. Os principais problemas são a falta de controle de doenças, insetos e invasoras e, no caso do milho, a alta deficiência de Nitrogênio. No entanto, há poucos kaingang que têm obtido bons resultados produtivos e financeiros nesta forma de agricultura voltada ao mercado de *commodities*.

Em outra lógica, há o cultivo de feijão e milho crioulos ou nativos há informação de quantas variedades crioulas eles matem? Isso é muito importante em termos de agrobiodiversidade (pode render outra pesquisa), tendo, inclusive, apoio externo, como é o caso de projetos como o trabalhado pela Cooperativa Agropecuária dos Agricultores Familiares de Tenente Portela (Cooperfamiliar), financiado pela Petrobrás⁷, para cultivo de feijão, e do Programa Guardiões da Agrobiodiversidade, da Prefeitura Municipal de Tenente Portela, através do Departamento de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural⁸, que apoia o plantio de milhos crioulos e possibilita a doação de insumos (adubos químico e orgânico) aos kaingang. Estes programas têm se mostrado interessantes, mas ainda necessitam de melhor adaptabilidade à cultura Kaingang e melhor logística temporal a fim de fornecer os insumos no momento adequado e viabilizar sua permanência e resultado junto ao público beneficiário.

Importante comentar que a agricultura para os Kaingang, historicamente, possui uma importância menor em sua essência econômica que para os “brancos”, pois seu costume

⁷ Projeto “Agroecologia e rede solidária de comercialização: gerando renda para a comunidade indígena do Guarita”. Elaborado pela Cooperfamiliar.

primordial de obter a alimentação com base nas coletas, na caça, na pesca e na agricultura os dispunham a valorizar tanto uma como outra forma de alimentação, ao contrário dos europeus, que acreditavam que apenas a agricultura seria sinônimo de trabalho.



Figura 4: Variedade de milho nativo para consumo da família.

Fonte: Acervo da pesquisa, 05 de fevereiro de 2011.

Deste modo, muitas vezes, mesmo na TI do Guarita, o trabalho nas roças era considerado pelos índios uma semi-escravidão, humilhação e desvalorização de seus costumes. Isso pôde ser percebido em uma reunião com a Associação Agroartes quando um sócio comentou que, na década de 70, realizavam plantio de trigo para a Funai sem receberem nada por isso, sendo que, inclusive, saíam de suas aldeias (setores) para trabalhar em outra aldeia com escolta durante o trabalho: “Chegamos a plantar 200 sacas de trigo de enxada num ano para a Funai lá no Irapuá (setor Irapuá)”, comenta um indígena.

“Consideravam nós como boi, e alguns índios ficavam de guarda com paus, cuidando para que a gente trabalhasse” e, ainda, “[...] o dinheiro ficava pra Funai, nós só ganhava a comida do dia”. São frases ditas na reunião e exemplificam a humilhação a que passaram os índios, pela submissão a que o órgão responsável pela sua tutela os obrigava a viverem (Diário de Campo, 05.02.2011).

⁸ Em parceria com a Emater, o Conselho de Missão Entre Índios (Comin), o Conselho Intereclesial de Igrejas e o Ministério da Agricultura

A Associação Agroartes é uma associação formal de vinte e oito famílias do Setor Pedra Lisa com intuito de auxiliar na manufatura de artesanato e em áreas de produção de alimentos de auto-sustento, além de facilitar a busca de recursos através de programas governamentais.

2.2.2. Artesanato

O artesanato é uma fonte de renda importante para inúmeras famílias da TI do Guarita, embora, segundo relatos dos entrevistados, o artesanato normalmente se apresenta associado ao escambo, trocado por alimentos, roupas, calçados e utensílios. Mesmo assim, acaba beneficiando a comunidade indígena.

A comercialização ocorre principalmente nos períodos que antecedem o Natal e a Páscoa, sendo que, nestes períodos, as peças relacionadas ao evento são as mais vendidas e são geralmente feitas com cipós e galhos de árvores.

No restante do ano, são bastante comercializados os colares feitos de sementes, brincos com penas, cestos de taquaras e cipós, peneiras e porta-roupas para banheiros. Também são vendidos miniaturas de animais feitos com madeira (leiteiro), anéis, pulseiras, arcos e flechas, chapéus, ornamentos de flores para mesas, entre outros.

É importante enfatizar que a coleta de vegetais para confecção do artesanato é realizada de forma a não inviabilizar a retirada futura, respeitando as áreas de coleta e realizando cortes, principalmente de cipós, de modo que possibilite a regeneração das cepas e seu constante rebrote.

Além de comercializarem o artesanato nos municípios da região, frequentemente se deslocam a municípios como Ijuí, Santo Ângelo e Santa Maria para escoarem sua produção. É consenso na comunidade que a falta de local para armazenagem do artesanato produzido para as épocas de maior venda (Natal e Páscoa) e a carência de veículo de transporte (furgão) são os principais empecilhos que afetam a rentabilidade desta atividade.

Esta atividade é tão expressiva que, de vinte e oito famílias sócias da Associação Agroartes do Setor Pedra Lisa, em torno de vinte e duas produzem e comercializam artesanato.

Durante o período de estudos, encaminhamos à Prefeitura Municipal de Tenente Portela um projeto para beneficiar a Associação Agroartes com equipamentos e insumos para preparo do artesanato.



Figura 5: Venda de artesanato em Seminário Regional de Turismo na cidade de Tenente Portela com a presença da Secretária de Estado do Turismo.

Fonte: Acervo da pesquisa, 24 de março de 2011.

2.2.3. Outras fontes de renda

Além da agricultura e artesanato, foram identificadas, neste grupo, algumas outras fontes de renda:

a) prestação de serviços:

Outra fonte de renda que entra na Terra Indígena está relacionada aos trabalhos temporários realizados fora da mesma, em lavouras de colonos, na construção civil, na colheita de maçã na região da Serra Gaúcha e no serviço de desponte de pendões de milho em áreas destinadas a sementes de multinacionais na região de Santo Augusto. Todos estes são serviços braçais, de baixa rentabilidade, mas que são importantes na renda de muitas famílias Kaingang.

b) empregos na TI

Os empregos existentes dentro da TI do Guarita, principalmente nas áreas de Saúde e Educação, são importantes fontes de renda para as poucas famílias que possuem alguém de sua casa envolvido com este tipo de atividade. São remunerações para agentes de saúde e professores bilíngües. Embora haja poucos empregos dentro da reserva, mesmo assim, muitas vagas são ocupadas por pessoas externas à reserva, como professores, enfermeiros, entre outros.

c) extrativismo vegetal

Mesmo que considerado ilegal pelas autoridades locais, muitos Kaingang se veem obrigados a recorrer ao extrativismo vegetal para sustentar suas famílias. Neste sentido, eventualmente, comercializam lenha em lasca e palanques⁹ de cerne para compradores fora da reserva, sendo a lenha comercializada principalmente na cidade de Tenente Portela e os palanques a agricultores.

Geralmente, a extração é feita de árvores secas ou caídas, mas, eventualmente, se recorre a árvores verdes e em pé, principalmente guajuvira, tarumã, alecrim e angico-vermelho, pela qualidade de seus cernes (durâmen).

d) aposentadoria

As pessoas aposentadas representam um percentual considerável dentro da TI do Guarita. As mulheres com mais de 55 anos e os homens com mais de 60 anos têm direito ao benefício da mesma forma que os agricultores familiares e pescadores artesanais. Esta renda auxilia principalmente na compra de alimentação, de remédios e demais gastos, tanto do casal idoso como de outros membros da família.

⁹ Madeira utilizada para construção de cercas.

3. Levantamento etnobotânico Kaingang

A partir do levantamento proposto, alguns aspectos da etnobotânica Kaingang foram elucidados, relacionados principalmente às plantas medicinais e alimentícias. Também buscamos elucidar alguns aspectos relacionados à ecologia das espécies utilizadas.

3.1. Levantamento taxonômico das plantas

O levantamento etnobotânico resultou numa listagem de 65 plantas, de 35 diferentes famílias, abrangendo as famílias Fabaceae, com 9,2% das espécies, Lamiaceae e Myrtaceae, com 7,7% cada, Asteraceae, Poaceae e Solanaceae, contribuindo com 6,2% cada uma, e Euphorbiaceae, com 4,6%. Cinco famílias apresentaram duas espécies cada e somaram 15,3% das espécies, sendo: Agavaceae, Cucurbitaceae, Malvaceae, Meliaceae e Rosaceae. Com apenas uma espécie, houve 23 famílias citadas, que são: Apiaceae, Araceae, Araliaceae, Arecaceae, Boraginaceae, Bromeliaceae, Cannabaceae, Caricaceae, Convolvulaceae, Dryopteridaceae, Ebenaceae, Marantaceae, Myrsinaceae, Oxalidaceae, Phytolaccaceae, Polygonaceae, Pteridaceae, Rubiaceae, Sapindaceae, Symplocaceae, Urticaceae, Verbenaceae e Violaceae.

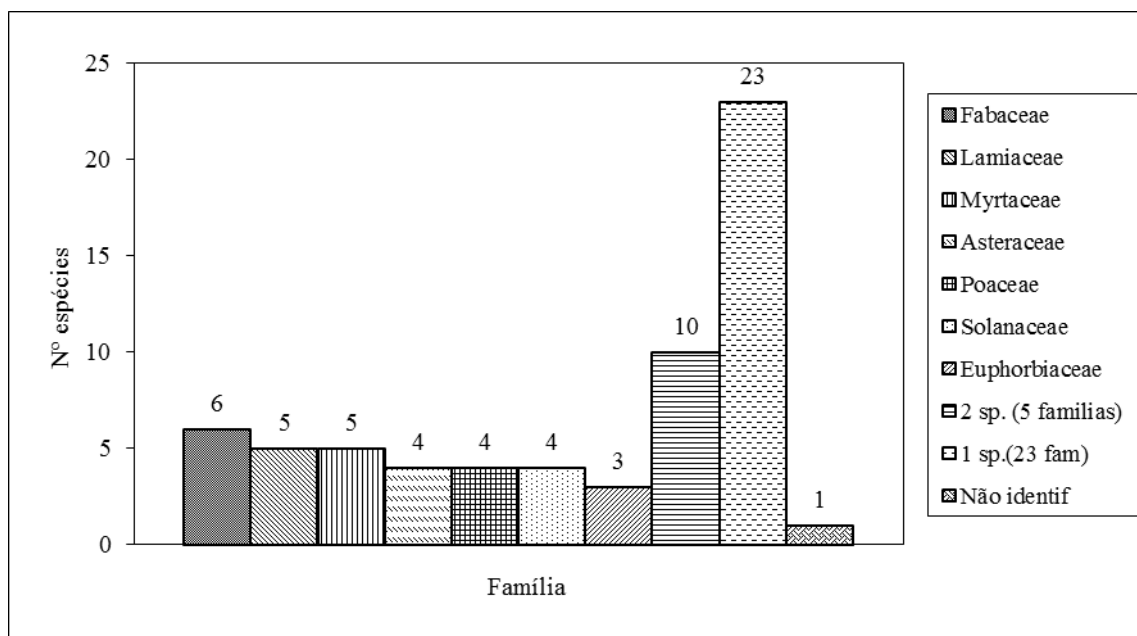


Figura 6: Distribuição das famílias botânicas das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS
Fonte: Dados da pesquisa.

Não foi identificada uma espécie epífita conhecida como krÿgmẽ-mrÿr.

3.1.1. Habitats de coleta das plantas utilizadas

O habitat de coleta mais significativo é o de mata primária ou floresta, que respondeu por 55,4% das espécies coletadas, seguido do habitat capoeira, com 18,5%, das áreas cultivadas, com 16,9%, plantas de capoeira e matas secundárias, 6,2%, e roça nova e campestre, com 1,5% cada.

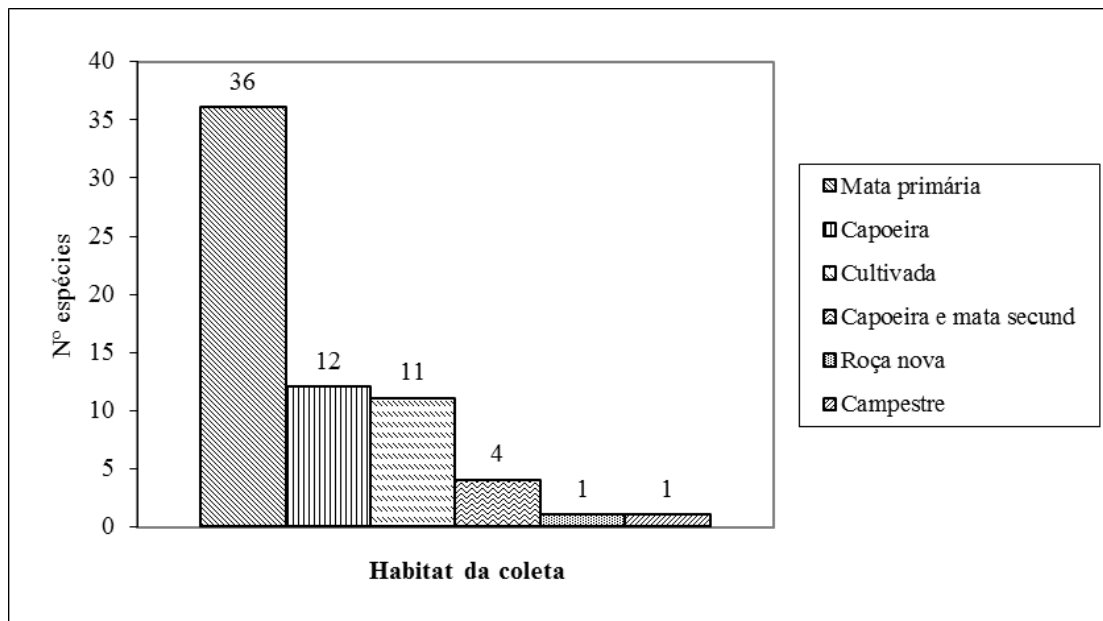


Figura 7: Habitats de coleta das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS.

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa grande proporção de plantas do habitat florestal também é visto em Silveira (2005) e remete à interação dos Kaingang com o mato e sua condição de evitar o uso de plantas medicinais ou ritualísticas expostas ao olhar dos outros.

3.1.2. Hábito de crescimento das plantas utilizadas

O hábito de crescimento de todas as espécies pesquisadas, tanto as de uso medicinal, como alimentar, de artesanato, ritualístico e outros usos apresentou-se distribuído da seguinte forma: 46,1% de ervas, 36,9% de árvores, 7,7% de arbusto, 3,1% para lianas, 3,1% de plantas apoiantes e 3,1% de epífita e hemiepífita.

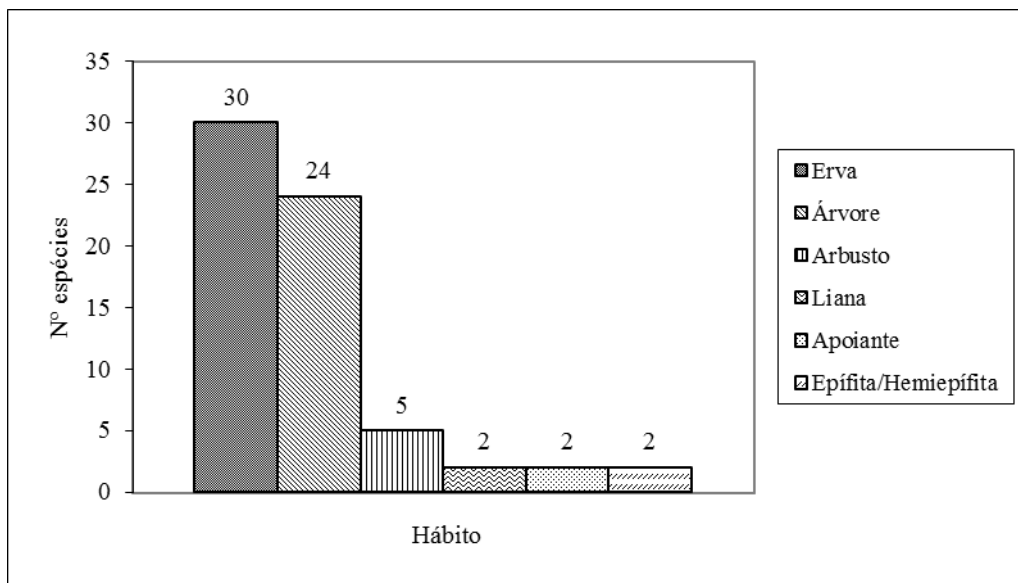


Figura 8: Hábitos de crescimento das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS.

Fonte: Dados da pesquisa.

A predominância do hábito herbáceo foi constatada em outros trabalhos, como de Magalhães (1997), Kubo (1997) e Silva (2002), mas cabe ressaltar que o uso de espécies arbóreas também é muito alto.

3.2. Uso das plantas pelos Kaingang

O levantamento apresentou um total de 78 espécies de plantas. Algumas plantas apresentam mais de um uso - algumas tiveram citações para três diferentes usos - resultando em 86 citações de uso diferentes, conforme anexo 1.

Estas citações e, por consequência, as plantas foram distribuídas em cinco categorias de uso diferentes. Conforme a Figura 9, podemos verificar que as plantas na categoria de uso medicinal tiveram 45 espécies citadas (57,7%), correspondendo a 59 citações de uso, seguidas das plantas com uso alimentar, que somaram 17 espécies (21,8%), com 18 citações de uso. As categorias 'uso para artesanato' e 'uso ritualístico' tiveram seis espécies (7,7%) para cada categoria de uso, correspondendo a seis citações, e 'outros' usos tiveram quatro espécies (5,1%) com quatro citações.

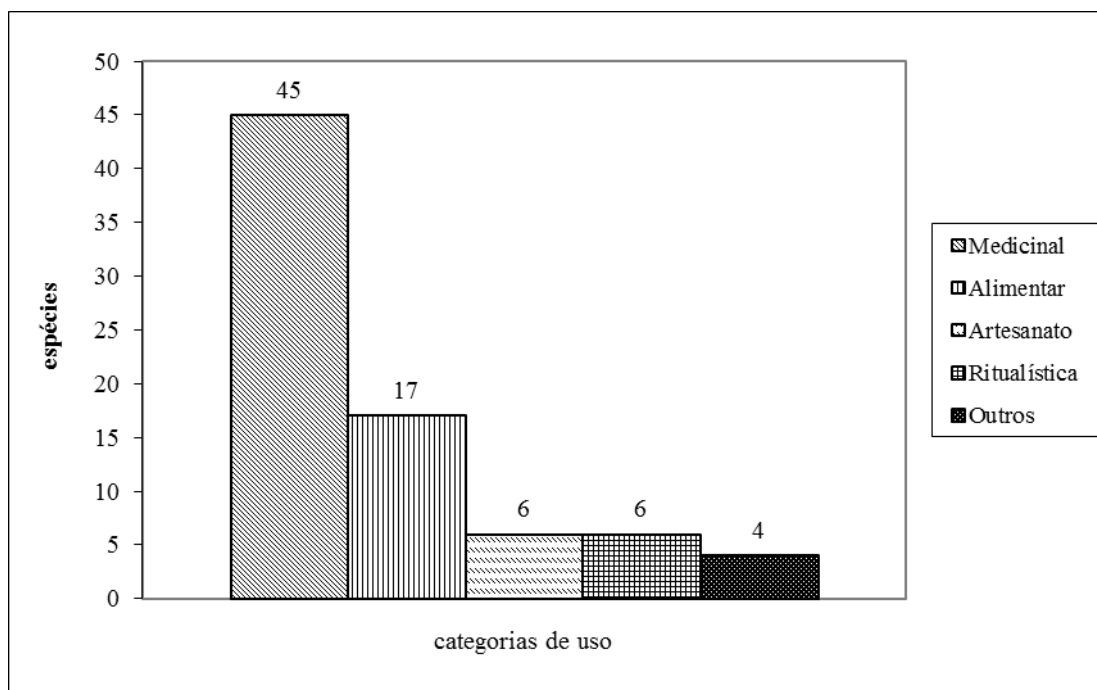


Figura 9: Distribuição das citações por categorias de uso das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS. Fonte: Dados da pesquisa.

No grupo Outros Usos, estão plantas utilizadas para estética corporal, extrativismo vegetal, repelente de insetos e como papel para “paieiro” (cigarro feito com fumo em corda). Toledo (1987) *apud* Magalhães (1997, p. 110) escreve que, geralmente, “o uso predominante da flora, independente do habitat, é o medicinal, seguido do uso alimentício”. Isso pôde ser percebido também neste trabalho. De uma forma geral, o número de espécies e seus diferentes usos, sobretudo relacionados à saúde e alimentação, indicam a importância que a riqueza florística possui para a comunidade Kaingang.

A seguir, será analisada a categoria de uso mais numerosa, ou seja, a de uso medicinal.

3.2.1. Formas de preparo das plantas de uso medicinal

Quanto à forma de preparo das plantas de uso medicinal, vê-se predominância da forma de ‘chás’, tanto preparados por decocção (fervura da parte utilizada), infusão (colocar água fervente sobre a parte a ser utilizada) e maceração (folha esmagada colocada em água fria). A decocção correspondeu por 47,5% das citações, infusão 22,0% e maceração 6,8%. Outros trabalhos, como de Kubo (1997), Ritter *et al.* (2002), também encontraram o predomínio do uso na forma de chás. Neste trabalho, algumas plantas, que tradicionalmente são tomadas junto à água do chimarrão, tiveram seu preparo considerado como infusão, visto que a água usada para o chimarrão não é fervida.

Além dos chás, também são usadas lavagens (5,05% das citações), principalmente para picadas de cobra e insetos, como para lavagem de olhos para “dor de vista” (conjuntivite). Para erupções na pele, como “cobreiros” e câncer de pele, são usadas folhas amassadas que são passadas sobre a parte afetada. Também se utiliza folha amassada de uma planta conhecida como *krÿgmẽ* (Araliaceae) no rosto, sendo que esta possui efeito estimulante a fim de manter a pessoa acordada ou mesmo para que os cachorros fiquem mais ativos durante a caça. Esta forma de uso respondeu por 5,05% das citações.

A alcoolatura foi citada duas vezes (5,05%) para a mesma planta (Agave), porém, para uso medicinal diferente: para doenças venéreas e para problemas respiratórios. Duas espécies (5,05%) são preparadas no pilão para posterior administração oral: uma para controle de parasitas (vermes e solitárias) e outra para “peste” do gado. Esta informação confirma o fato do uso do pilão ainda nos dias de hoje pela comunidade Kaingang (figura 11).

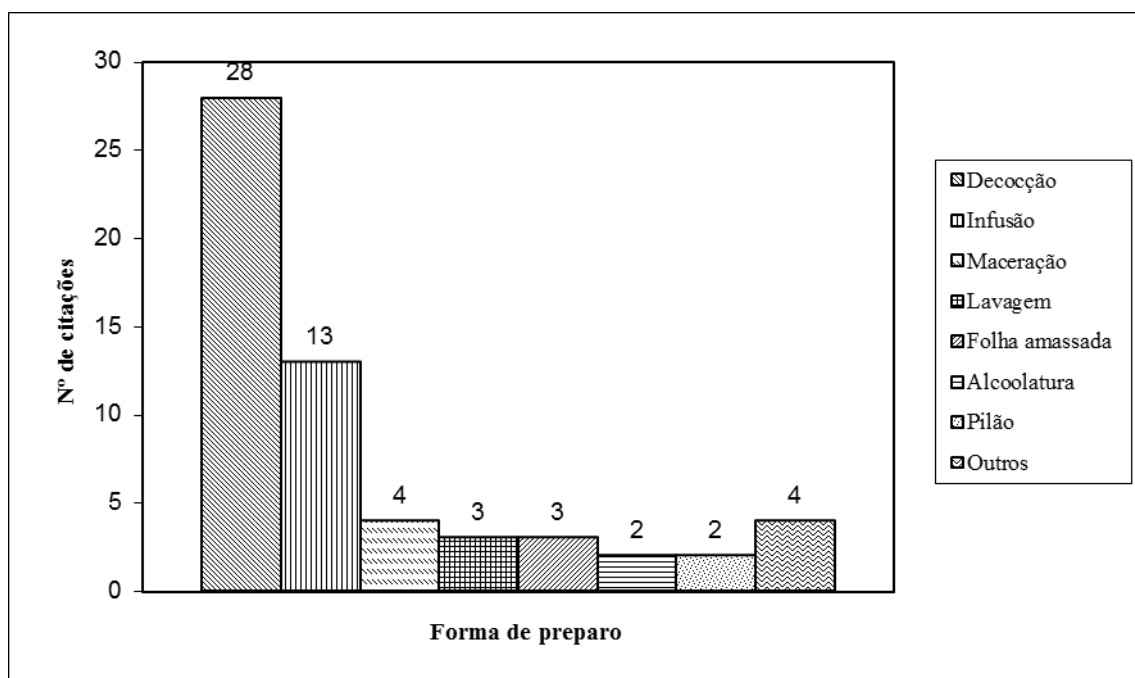


Figura 10: Distribuição das citações por formas de preparo das plantas de uso medicinal nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS.

Fonte: Dados da pesquisa.

No grupo Outros Usos (6,8%), podemos citar o uso de samambaia (feto macho) na forma de colchão para prevenção de doenças venéreas; emplastro de capororoca para furúnculo; mastigação de *senhurum* para picada de cobra e xarope de caraguatá para problemas respiratórios.



Figura 11: Pilão usado para soque de *pisé*¹⁰ e remédios.
Fonte: Acervo da pesquisa, 07 de janeiro de 2011.

3.2.2. Parte da planta utilizada para fim medicinal

Entre as partes utilizadas das plantas, sobressai o uso de folhas (40,7%), seguido de casca (22,0%), parte aérea de ervas (folhas + caule), com (10,2%); raízes (6,8%), plantas inteiras (3,4%) e tubérculos (3,4%). No grupo Outras partes, encontram-se: broto, cacho, caule, cerne (durâmen), entrecasca, fruto, semente e sumo.

¹⁰ Milho torrado com cinzas e socado no pilão.

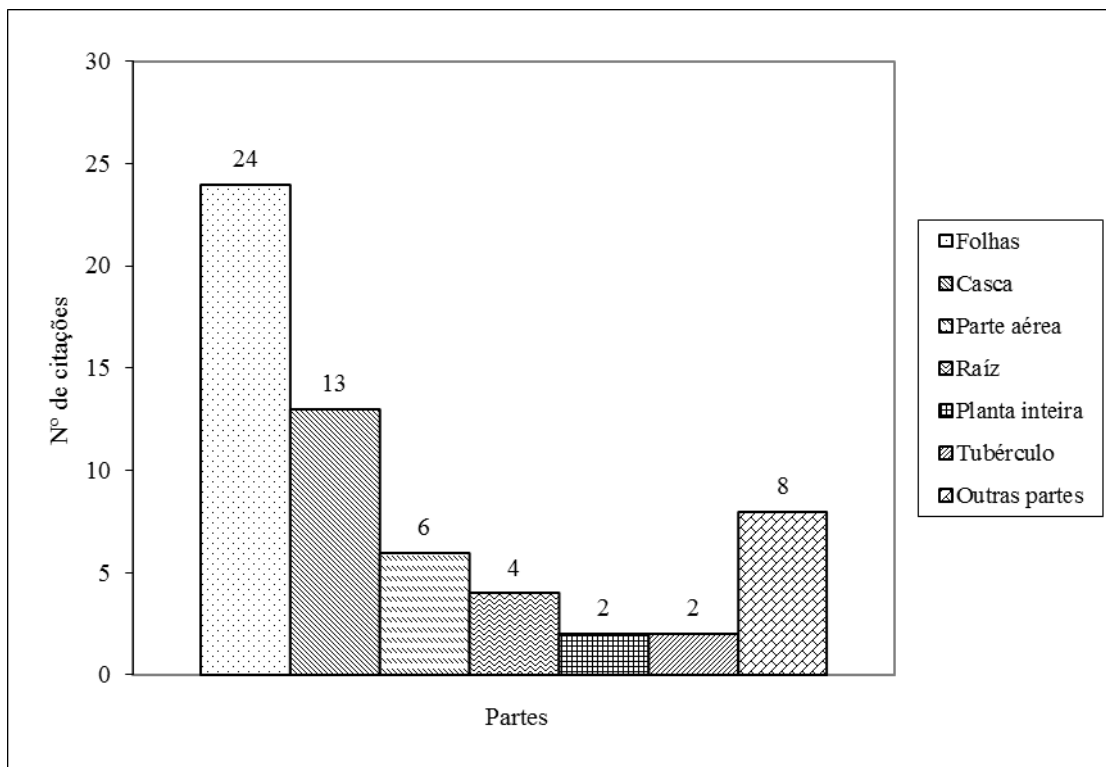


Figura 12: Parte utilizada das plantas de uso medicinal nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS.
Fonte: Dados da pesquisa.

Magalhães (1997) identificou 32% de uso de folhas, 16% de entrecascas, 14% para a planta toda; 12% para raízes e 7% de uso de caules. Silva (2002), em comunidade quilombola no Amapá, encontrou o uso de 37,15% de folhas, 11,68% de cascas, 9,8% de flores e 8,4% de raízes. Silveira (2005), em estudo com Kaingang, cita o uso de 40% de folhas, 12% de caules e troncos, além de 9% para cascas, 9% para flores e 9% para raízes.

3.2.3. As principais doenças e problemas tratados a partir de plantas medicinais

Entre as principais doenças e problemas tratados com plantas, estão aquelas que contribuem para a resolução dos principais problemas de saúde enfrentados hoje pela comunidade Kaingang, que são os problemas respiratórios e diarreias. Estes dados, quando comparados com a bibliografia de epidemiologia, saúde pública e antropologia da saúde entre povos indígenas verifica-se que estes resultados são recorrentes¹¹. Também merecem destaque as plantas utilizadas como depurativas ou “limpadoras” do sangue.

¹¹ Ver, p. ex.: Haverroth, M. 2004. O contexto cultural das doenças diarreicas entre os Wari', estado de Rondônia, Brasil: interface entre antropologia e saúde pública. Tese de Doutorado. ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro. Disponível na página da Fiocruz (www.fiocruz.br).

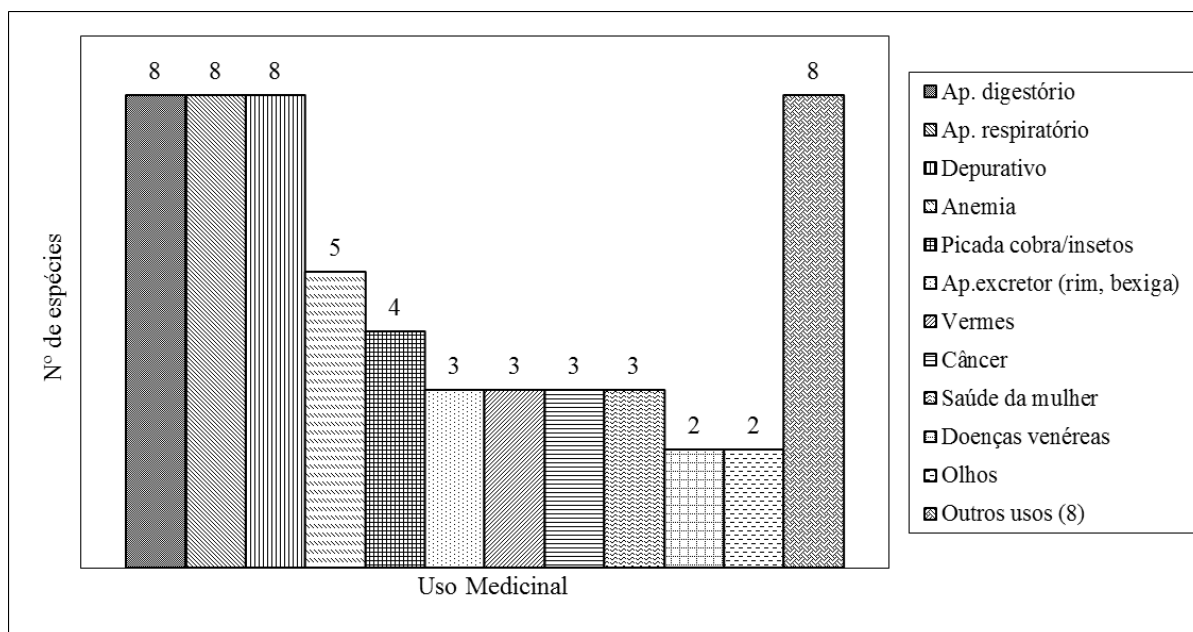


Figura 13: Distribuição dos tipos de doenças e problemas tratados com plantas medicinais nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS.

Fonte: Dados da pesquisa.

Para o aparelho digestório, que envolvem os problemas de diarreia, gastrite, colite, azia e má digestão, foram citadas oito espécies, sendo que, destas, três espécies são mirtáceas de tradicional efeito adstringente e antidisentérico, que são pitanga, sete-capotes e jabuticaba. As demais espécies são o gervão, joá, toco-verde e guanxuma, além da espécie sete-sangrias. O que chama a atenção é que, para os problemas digestivos, todas as plantas citadas são preparadas através de decocção (fervura).

Quanto aos problemas respiratórios, também houve a citação de oito espécies, que, segundo os informantes, possuem boa eficácia para gripe, tosse, dor de garganta e febre. Plantas como boldo, nêspira e caraguatá têm como adjuvante o mel, já o agave é misturado com mel e cachaça. Na ausência do mel, muitas vezes, é substituído por açúcar e limão. A guiné também teve citação para problemas respiratórios, no entanto, foi prevenido que este é um “remédio forte”.

Outro uso que teve oito espécies elencadas foram os depurativos, que nos parece ser um diferencial nas culturas tradicionais, as quais dão prioridade à eliminação de impurezas do corpo a fim de prevenir o surgimento de doenças. Nesta classe, aparece bastante o uso de cascas, como no caso do tarumã, sucará, quina e pata-de-vaca, que são preparadas por decocção. Ainda aparece o uso da salsaparrilha, do krÿgmê, cipó-sumo e pega-pega.

Também na lógica de fortalecimento do corpo, aparece em quarta colocação o item Anemia, com cinco espécies catalogadas. Foi citado, além de anemia, o nome “amarelão”,

sendo que as cinco espécies deste grupo são o jerivá, cipó-sumo, amora-branca, cipó-escada e salsaparrilha.

Para picadas de cobra e insetos, houve quatro espécies indicadas, demonstrando a necessidade dos Kaingang em conhecer plantas que resolvam problemas de emergência como é o caso de uma picada de cobra. Nesta situação, uma planta indicada foi o senhukum, que após ter sua folha mastigada, se aplica sobre a parte do corpo afetada. Em outro caso, mistura-se a “água” (sumo) do urtigão com arroz de macuco e guiné para realizar lavagem no local da picada.

Em problemas do aparelho excretor, rins e bexiga, também com intuito de eliminação de impurezas e toxinas do corpo, se utilizam três plantas: a raiz do urtigão e as cascas do sucará e da pata-de-vaca. Segundo os Kaingang, há o controle de pedra nos rins, dores na bexiga e ácido úrico com o uso destas plantas.

Um problema que é bastante recorrente no Guarita é a verminose, sendo que foram citadas três espécies que possuem controle satisfatório sobre as infestações, que são a erva-de-bicho, a hortelã e a semente da abóbora, sendo que já foi demonstrada cientificamente sua eficácia vermífuga pela presença do aminoácido não proteínogênico “cucurbitina” (DUNHILL & FOWDEN, 1965 *apud* LORENZI & MATOS, 2008).



Figura 14: Abóbora e moranga usadas pelas famílias Kaingang para alimentação, cuja semente tem uso medicinal.

Fonte: Acervo da pesquisa, 05 de fevereiro de 2011.

Houve citação de três plantas para cura de câncer, duas para câncer de útero, que são carrapicho-de-carneiro e mata-campo, e uma para câncer de pele, a laranjeirinha.

No item Saúde da Mulher, foram consideradas três plantas, uma que aumenta a fertilidade da mulher, o krÿgmê-mrÿr, que é uma epífita não identificada cientificamente, a samambaia, que se usa para cólicas pós-parto, e a avenca para regular (“descer”) a menstruação.

Para doenças venéreas, foram citadas duas espécies, sendo que uma delas era usada antigamente de forma curiosa. Da samambaia, se faziam feixes para o casal dormir em cima por sete dias a fim de “não pegar peste”. Outra espécie é o agave (exótica), da qual se prepara uma alcoolatura com mel e cachaça.

No caso de doenças nos olhos, geralmente conjuntivite ou “dor de vista”, o tratamento é feito com lavagens do macerado de alfavaca ou de grandíuva.

Foram citadas mais oito indicações de uso, cada uma com uma espécie citada, somando 14% no total. Estas indicações foram para cura de: “cobreiro” (virose), feridas, furúnculo, hematomas, hipertensão e peste do gado, além de fortalecimento da memória e estimulante. No anexo B, encontram-se mais detalhadas as características das plantas e seus usos.

4. Significações e interpretações da cultura e etnoconhecimento Kaingang

Este capítulo abordará as interpretações do pesquisador frente às informações e significações do “mundo” Kaingang, relativo aos aspectos alimentares, ritualísticos, sócio-culturais, suas concepções de saúde e doença, além do repasse geracional de sua cultura.

4.1. Alimentação

Mesmo utilizando, hoje, alimentos da cultura ocidental, muitos kaingang ainda mantêm o conhecimento e a tradição de consumir alimentos do mato, conseguindo, inclusive, em suas incursões pela floresta, se alimentar do que a natureza lhes oferece.

Alimentos como o palmito do jerivá, os frutos do urtigão e do guaimbé e de inúmeras Mirtáceas, entre outras frutas, brotos de criciúma e taquaruçu, além de peixes, possibilitam que, nos dias de coleta de material para artesanato ou de outra atividade na mata, não seja necessário levar alimentação de casa, mesmo ficando o dia todo ou mais de um dia no mato.

Outra planta importante na alimentação indígena é o fuá (planta herbácea) encontrada em “roça nova” e que, além de ser alimento, serve como fortificante do corpo (figura 15). No dizer de uma entrevistada: “gosto mais de comer fuá que carne”. No entanto, como se utilizam de defensivos agrícolas na agricultura praticada em muitas lavouras da Terra Indígena, o fuá está contaminado e acaba não sendo utilizado pelos índios.



Figura 15: Detalhe do *fuva* (fuá) em fruto.
Fonte: Acervo da pesquisa, 14 de janeiro de 2011.

O fuá é preparado de duas formas, em uma delas, há o cozimento de toda a planta, se retira esta água e, depois, cozinha de novo. No outro, se cozinha o fuá, retira a água e frita em banha de porco.

Alguns também socam o fuá, depois de cozido, no pilão, junto com o *pisé* (milho torrado com cinzas). Além disso, a fruta do fuá também é comida, sendo muito doce quando madura. Mas o fruto verde, bem como a planta crua podem ser venenosos devido à presença de glicoalcalóides (LORENZI & MATOS, 2008).

A mandioca-brava (*kumĩ*) também é utilizada pelos Kaingang, mas somente é utilizada a ponteira, com brotos novos. Estes são socados em pilão e cozinha-se até ficar de cor amarela, então, troca-se a água e cozinha-se de novo. No entanto, hoje, há diminuição no seu consumo, principalmente pela grande mão-de-obra exigida para seu preparo. Também deve haver cuidado, pois, se não for bem fervida e trocada a água, ela se torna tóxica.

Tanto o fuá, como a mandioca-brava, sofrem o processo de cozimento a fim de diminuir a sua toxicidade.

Outra planta consumida pelos Kaingang é o caraguatá-miúdo (*rènh-kèn-sir*), que é preparada como salada a partir do palmito retirado de seu talo e folhas. Além de servir como alimento, a planta é diurética, melhorando o organismo (MENTZ *et al.*, 1997).

A moranga (*pèho*) e a abóbora (*mòmra*) são bastante consumidas pelas famílias entrevistadas, sendo as mesmas cozidas, refogadas ou cozidas com açúcar. Elas possuem ação anti-diarreica e suas sementes são vermífugas, daí a expressão “a criança tá faceira porque matou as bichas”. Possui ainda Vitamina A, que é importante no crescimento de crianças e fortalecimento da visão (LORENZI & MATOS, 2008, p. 227).

Também a batata-doce (*matata-grējgy*) é consumida na aldeia, sendo importante fonte de Vitamina A, tendo a batata de cor amarela concentração maior de Vitamina A que a cenoura (LORENZI & MATOS, 2008).

Do jaracatiá (*kèn-so*), se faz um doce parecido com a cocada, ralando a parte interna do tronco e fervendo com açúcar. Também se consome o fruto (mamãozinho), sendo que este tem ação anti-helmíntica (LORENZI & MATOS, 2008).

Segundo um entrevistado, os antigos não comiam a carne de caça fresca, deixavam-na sobre lages até “azular”, para então consumi-la. Também a carne de peixe sofria este processo de “putrefação” antes de ser consumida. Para “salgar”, eram usados os tubérculos da azedinha (*Oxalis sp.*) que, esfregados sobre a carne, conferiam um gosto salgado. No pensamento deste entrevistado, o sal é maléfico à saúde, pois faz a pessoa segurar água no corpo. Para ele, isso

está fazendo com que os Kaingang estejam engordando. Também os anticoncepcionais, segundo este informante, é um dos motivos de muitas mulheres kaingang estarem obesas.

O uso de alimentos como promotores de saúde pelos Kaingang é bem visível na medida em que mantêm o uso de alimentos que facilitam o bom funcionamento de todo o organismo. A abóbora e a moranga auxiliam no fluxo intestinal e a batata-doce evita o raquitismo e problemas de visão. O fuá possui propriedades fortificantes, diuréticas e depurativas. Todas estas plantas têm uso constante na alimentação kaingang.

Outras plantas de uso alimentar mais restrito ou de uso periódico como o guaimbé tem comprovada função anti-reumática (LORENZI & MATOS, 2008), a azedinha possui propriedades anti-térmicas (MENTZ, *et al.*, 1997), o jerivá é fortificante dos nervos e do sangue (MAGALHÃES, 1997) e o urtigão usado para bexiga trancada (HAVERROTH, 1997). Sendo assim, ao se alimentar, há uma construção da saúde do organismo.

É necessário também fazer menção às condições de miserabilidade a que algumas famílias indígenas se encontram, onde o acesso à alimentação é restrito. Esta situação foi verificada nas saídas de campo e foi também alvo das falas dos entrevistados. Como já foi dito, há famílias que possuem pouquíssima área de terra e não possuem local para cultivo dos alimentos, bem como, muitas vezes, não possuem renda suficiente para a sua aquisição, não tendo acesso a uma condição básica para a sobrevivência que é a alimentação: “[...] tem índio que passa fome”.

Da mesma forma, percebe-se morosidade governamental no atendimento às necessidades relacionadas à alimentação, sendo que, por outro lado, a atenção dada nos Postos de Saúde através de medicamentos é boa. Nas palavras de um entrevistado, podemos resumir a situação enfrentada: “[...] não adianta ter um caminhão de remédio se não tiver comida”. Ou seja, tratam das consequências e não das causas.

4.2. Resolução dos principais problemas

Segundo informações colhidas junto ao Sistema de Saúde em Tenente Portela, os problemas de saúde que mais possuem atendimento entre os Kaingang são os respiratórios e gastrointestinais (principalmente diarreias). O maior número de atendimentos se dá em crianças, principalmente no período de agosto a outubro.

Possivelmente, os problemas gastrointestinais advêm de problemas na armazenagem dos alimentos, devido à falta de geladeiras e ao escasso sistema de distribuição de água potável.

Em geral, a comunidade Kaingang se utiliza do sistema público de saúde, com o uso de medicação quimioterápica. Para diarreias, geralmente são usados um antibiótico e um antiespasmódico (analgésico). Já para problemas respiratórios, antibiótico à base de amoxicilina.

No entanto, algumas famílias se utilizam de remédios caseiros para estes problemas, com resultados bastante satisfatórios, não necessitando de tratamento quimioterápico. Na visão de um entrevistado, o “soro” usado no posto de saúde faz a criança “decair”, ou seja, perder peso, ficar fraca.

Conforme citado no capítulo anterior, para o aparelho digestório (diarreia, gastrite, colite, azia e má digestão), foram citadas oito espécies, sendo que, destas, três espécies são mirtáceas de tradicional efeito adstringente e antidiarreico, que são: pitanga, sete-capotes e jabuticaba. As demais espécies são o gervão, joá, toco-verde e guanxuma, além da espécie sete-sangrias, que, segundo a irmã de um entrevistado e que estava presente durante uma entrevista, solucionou problema com diagnóstico médico de colite que não estava sendo resolvido com medicação quimioterápica.

Para problemas respiratórios (gripe, tosse, dor de garganta e febre), são usadas boldo, nêspera e caraguatá, tendo como adjuvante o mel, enquanto o agave é misturado com mel e cachaça. Na ausência do mel, muitas vezes, é substituído por açúcar e limão. Também a alfavaca, o açoita-cavalo, a guiné e o limão-de-macaco foram citados para este grupo de uso.

Uma categoria de uso medicinal que merece destaque relaciona-se às plantas depurativas. Depuração é o ato de purificar o organismo, facilitando a eliminação de produtos do metabolismo. No trabalho realizado, constatamos que muitas das plantas utilizadas pelos kaingang possuem efeito de limpeza/depuração do organismo, seja pela forma de depuração do sangue, como diuréticos ou melhoradores dos processos digestivos.

Nesta concepção, plantas como sucará, krÿgmê, gervão, urtigão, joá, quina, sete-sangrias, pata-de-vaca, cipó-sumo, tarumã, toco-verde, guanxuma, salsaparrilha, caraguatá-miúdo, abóbora e moranga auxiliam os sistemas excretor (rins e bexiga), digestório (estômago, intestinos, pâncreas e fígado) e endócrino (pâncreas principalmente).

Este uso parece um fator de diferenciação nas concepções de saúde e doença tanto por parte dos índios, como por outras populações tradicionais, em comparação com colonos de origem europeia. Enquanto os dois primeiros se utilizam de plantas com “poder” mais forte visando à depuração (“limpeza”) do sangue e o fortalecimento do organismo, o último grupo se utiliza mais de paliativos, como chás para dor de cabeça, dor de barriga, infecções na garganta, entre outros. Neste sentido, a “nova” medicina repassada nos postos de saúde pode,

ao longo do tempo, debilitar a saúde da comunidade indígena pelo não uso dos “fortificantes” do organismo. De acordo com estudos do itinerário terapêutico, a busca por tratamentos se dá, paralelamente e simultaneamente, em diversas fontes, de maneira que a recorrência a tratamentos da biomedicina não implica que outros tratamentos não sejam buscados. Essa é a realidade em contextos de intermedicalidade característicos entre povos indígenas (GREENE, 1998, FOLLER, 2004).

No trabalho de Magalhães (1997), constata-se que, com relação ao número de plantas para cada uso medicinal, aparecem, em primeiro lugar, plantas ligadas à cura de doenças no aparelho digestivo (17 plantas), que, para o entrevistado daquele trabalho, “eram desencadeadoras de diversos outros males, pois traziam impurezas ao sangue”. (MAGALHÃES, 1997, p. 109), seguidas pelas depurativas e fortificantes do sangue (16 plantas).

Outros pesquisadores que trabalham com Kaingang relatam o uso da defumação com este mesmo sentido (Rumi Regina Kubo, comunicação pessoal)¹². Neste caso, haveria uma conotação de limpeza espiritual.

Assim, esta categoria de uso das plantas encontra-se relatado em inúmeros outros levantamentos e sua interpretação remete a concepção de saúde e cura na perspectiva deste grupo. Como anteriormente comentado, diferente da concepção da medicina alopática de cura pelos contrários (usa-se um remédio para combater diretamente o causador da doença), na perspectiva das pessoas entrevistadas, embora o objetivo seja combater a doença, pensa-se na purificação, eliminação das impurezas e conseqüente fortalecimento do indivíduo como uma forma de buscar a cura. Nesta concepção, o alimento também se configura como um remédio.

De uma forma geral, as principais doenças e problemas de saúde têm tratamentos com plantas medicinais. Porém, cabe também ressaltar algumas doenças que encontramos na categoria outros usos, como é o caso de “cobreiro”, virose de incidência esporádica, mas que necessita de tratamento fitoterápico em complementaridade aos benzimentos. Feridas e furúnculos que também aparecem frequentemente entre os Kaingang. Hematomas, como no caso de “chupões” de algum namorado ou namorada. Também aparece o controle de hipertensão com o uso cuidadoso de peloteira. Neste grupo, aparecem ainda o estimulante *krÿgmẽ*, utilizado para deixar tanto as pessoas como os animais num estado de euforia. Ainda há o uso do cerne de angico-vermelho para fortalecimento da memória e caqui-do-mato para “peste” do gado.

¹² No caso em questão, refere-se a um ritual observado pela pesquisadora na Terra Indígena de Irai, RS, em um ritual conduzido por uma Kuyã, com o uso de ramos de mamica-de-cadela (*Zanthoxylum rhoifolium*).

4.3. Doenças espirituais e plantas ritualísticas

Na compreensão de doença entre os Kaingang, algumas doenças ocorrem devido a interferências espirituais, como ausência do espírito (kuprim) do corpo de uma pessoa ou feitiçaria realizada, entre outros motivos.

Neste trabalho, apenas nos atemos a compreender que existe uma significação diferenciada na concepção das causas das doenças entre os Kaingang, que extrapola o aspecto físico ou biológico das enfermidades. Não procuramos entrar em detalhes sobre a questão. Também quando recebíamos informações sobre plantas ritualísticas, não tínhamos acesso a partes utilizadas e objeto de uso. Sendo assim, buscamos respeitar a posição dos informantes e em nenhum momento tentamos infringir o “limite imaginário” imposto para estas plantas e para estas informações.

As plantas usadas com função ritualística a que tivemos acesso foram o guaimbé, o araçá, a guavirova, a peloteira, o camboatá-branco e a laranjeira-do-mato. Para algumas delas, nos foi dito para qual objetivo serviam, no entanto, não os publicaremos uma vez que se tratam de informações que têm um certo grau de sigilo.

As palavras “feitiço” e “segredo” foram, por várias vezes, citadas durante as atividades de campo, denotando a importância que a ritualização e os caracteres espirituais representam para os Kaingang, sendo que cada planta, qualquer uma, possui um espírito.

Na sua cosmologia, as pedras de rios servem para proteção do corpo e também para ataque aos inimigos. Como relata um informante:

“[...] essas pedras são sagradas, esse paredão (de pedra) é sagrado, esse lugar tem um espírito”, disse um informante quando estávamos próximo a uma cascata. E segue dizendo: “[...] essas pedrinhas, bem pequeninha, a gente faz aparecer no corpo para quem se faz feitiço. Pode virar uma formiga, um tumor...” e complementa, “[...] os Guarani também fazem isso [...]”.

Essa citação remete ao ‘xamanismo’, recorrente na maioria dos povos indígenas, cada qual com suas particularidades. Objetos que ‘penetram’ o corpo, causando doenças ou morte são comuns no universo xamânico. Nesse caso, cabe ao xamã (no caso kaingang, o kujà), retirar esse objeto através de rituais próprios¹³. As pedras também servem para manter a pele jovem se for esfregada com ela.

¹³ Para uma discussão a esse respeito v. Langdon, E.J.M., 1996. Xamanismo no Brasil: novas perspectivas. Ed. UFSC.

Outro costume entre os Kaingang é o de lavar as crianças recém-nascidas nos rios e também com água de determinadas plantas, das quais não conseguimos informação.

Para as mulheres grávidas, no sexto mês de gravidez, as anciãs mandavam pular da raiz de uma árvore em torno de 60 a 100 cm de altura a fim de arrumar o feto no ventre para facilitar o parto.

Todas estas informações, embora apresentadas de forma fragmentada, permitem vislumbrar a complexidade do conhecimento destes grupos. E o fato de ter sido revelado ao pesquisador, por um lado, reforça os laços de confiança que foram se estabelecendo ao longo do trabalho de campo, mas também remetem à responsabilidade do pesquisador pela publicização da informação. Portanto, o acesso a alguns segredos, muito mais que o seu valor enquanto conhecimento, é um fator de reforço de laços de confiança e reciprocidade.

4.4. Identidade Sócio-cultural

Mesmo tendo sofrido mudanças extremamente significativas no seu “*modus vivendi*”, principalmente nos últimos cento e cinquenta anos, os Kaingang ainda preservam muito de sua cultura. Ressaltando-se que a cultura está em constante mudança de acordo com o contexto; neste sentido, mantida a identidade kaingang, sua cultura é sempre atualizada e, portanto, atual; elementos antigos se mesclam com novos elementos que são incorporados e reelaborados de acordo com suas próprias concepções e visão de mundo. Ainda hoje, há a escolha de um nome kaingang para os filhos, nome este que possui referência a alguma planta, animal, ou outro significado que remete à índole que a família imagina àquela pessoa.

Assim podemos citar alguns nomes de jovens kaingang do Guarita:

- Zaqueu: *ógsẽ* - tateto
- Moisés: *re-pan* – capim roçado
- Joel: *feg hèn* - gafanhoto

Também é mantida a divisão clânica, *kamé* e *kainru-kré*, que são amigos. Além de possuir outras divisões sociais, como os *pěj* (ou *pěj'i*), que são os responsáveis pelas cerimônias mortuárias e os *fóg sá* (mestiços). Em outra entrevista, outro informante teceu o seguinte comentário sobre os *pěj*: “[...] eu tenho um guri que é *pěj*, se tem um parente no hospital ele não vai, por que senão o doente morre”. Então, os *pěj* são uma divisão dentro de

cada grupo clânico, reconhecidos pela comunidade e que possuem significações cosmológicas diferenciadas, podendo também ser curadores ou especialistas em ervas.¹⁴

Outra informação que se teve é que entre os Kaingang há a percepção da divisão clânica pela comunidade por caracteres físicos, como porte e estatura e pelas unhas; um grupo com unhas curtas (chatas) e outro com unhas compridas, assim, mesmo não conhecendo a pessoa ou sua família de origem, seria possível classificar a que metade clânica esta pertenceria.

Outro fator que concorre para o fortalecimento da cultura na TI do Guarita são as aulas em Kaingang, ou bilíngüe, a fim de manter o hábito de falar a língua autóctone e, como foi observado, a facilidade das crianças na grafia Kaingang. Neste sentido, fomos auxiliados pelas crianças na escrita das palavras, já que os informantes tinham dificuldade na ortografia.



Figura 16: Crianças auxiliando na ortografia Kaingang.
Fonte: Acervo da pesquisa, 18 de fevereiro de 2011.

¹⁴ Durante a pesquisa, foram relatadas as famílias que pertencem a cada grupo, no entanto, avaliamos que, para os objetivos deste trabalho, trata-se de uma informação que não necessita ser explicitada, de forma que não é aqui apresentada. Para maiores detalhes ver ALMEIDA, Ledson Kurtz de. Dinâmica religiosa entre os Kaingang do Posto Indígena de Xapecó. Florianópolis : UFSC, 1998. 165 p. (Dissertação de Mestrado); VEIGA, Juracilda. Cosmologia e práticas rituais Kaingang. Campinas : Unicamp, 2000. (Tese de Doutorado)

4.4.1. Transmissão intergeracional

Pode-se perceber a transmissão entre as gerações dos conhecimentos etnobotânicos através do acompanhamento que os filhos fazem ao pai no mato. Neste ambiente, eles demonstram que há a continuidade da cultura. Os filhos sabem que planta utilizar como alimento no mato, como seguir o rastro de animais, pescar, acompanhar o vôo das abelhas para achar o enxame a fim de melar, entre outros conhecimentos. Conhecem várias plantas pelo nome kaingang, que aprendem tanto pelo repasse familiar, como pelas aulas bilíngües que possuem.

No entanto, conforme fala um entrevistado, o conhecimento maior das plantas só é repassado aos mais novos no “último suspiro” daquele que detém o conhecimento, pois se ele repassar antes o conhecimento dos remédios e de suas magias, sua vida será curta. Neste sentido, entende-se o que muitos podem compreender como perda de cultura ou não efetivação de repasse geracional do conhecimento. Há o repasse, mas apenas para pessoas escolhidas e em momento certo.

Percebe-se também que há uma escolha, entre alguém do grupo familiar, que demonstra interesse em aprender sobre o uso das plantas para remédio e para magia. Esta aliança, muitas vezes, não é para o filho ou filha, mas pode ser para noras, genros, sobrinhos. Aquele que possui a confiança do ancião.

4.4.2. Circulação do conhecimento no grupo

Pelo que foi percebido, o conhecimento destes informantes sobre as plantas medicinais e as plantas ritualísticas é reconhecido tanto dentro da comunidade indígena em que residem como nos setores próximos. Também foram várias vezes citadas pessoas do entorno da TI do Guarita que recorrem ao conhecimento destes a fim de buscar tanto medicação como “feitiços”. Assim, trata-se de especialistas, com reconhecimento social, o que de certa forma justifica nossa opção metodológica de efetuarmos a pesquisa com essas pessoas.

4.5. Conhecimento etnoecológico e coletas de plantas medicinais

Os Kaingang possuem um grande conhecimento ecológico, que pôde ser percebido em incursões à mata. Eles sabem identificar o local onde se encontram as melgueiras de abelhas

através do vôo destas, no entanto, para conseguirem achá-la, não podem consumir mel um dia antes de irem ao mato. Também possuem um “remédio” para acharem o mel, mas este não foi informado.

Em incursão no mato, o informante esfregou folhas de krÿgmẽ no focinho de um cachorro após horas de caminhada no mato sem este ter achado nenhuma caça. Coincidência ou não, em menos de dez minutos, este cachorro acabou pegando um lagarto.

Também curiosamente, durante toda a caminhada no mato, enquanto estivemos próximo ao informante, não tivemos nenhuma picada de inseto, mesmo estando próximo de cachopas de vespas, mas quando nos afastamos deste, acabamos levando ferroadas de vespas. “É o espírito que não deixou picar antes”, disse ele. Ou seja, o espírito protetor do informante.

Importante salientar que, no mato, o kaingang se sente bem, é a “casa” dele.

As coletas das plantas para uso medicinal, conforme um kamé, não dependem de fase da lua ou época do ano, pois conforme o mesmo diz: “não há lua para ficar doente”. No entanto, o mesmo informa que a planta a ser usada é definida pelo protetor (espírito).

Em geral, as plantas são coletadas no mato (mata primária, com pouca ação antrópica, seguindo a lógica dos dados apresentados no capítulo 3), pois, perto das casas e das lavouras, o ambiente está contaminado pelos venenos. Apenas as plantas herbáceas de cultivo em arredores possuem coleta próxima, como a alfavaca e a guiné.

Para Rosa (2005, p. 363), citando Oliveira (1996; 2000) e Almeida (2004A):

o remédio do mato que o *kujá* e o *jagrẽ* coletam no domínio “mata virgem” trata-se de uma planta que nasceu sozinha na mata fechada, protegida dos raios do sol, da intervenção direta do olhar e da mão humana. Devido a esses aspectos, conforme a cosmologia dessa sociedade, os *kujá* têm sérias restrições ao uso de ervas coletadas em beira da estrada, à vista das pessoas, expostas aos raios do sol.

Algumas plantas são coletadas em áreas de regeneração (capoeiras), em diferentes estágios, como o gervão, a peloteira e o joá.

Quanto à forma da coleta, percebemos que, quando o material coletado é a casca, geralmente são retiradas lascas compridas e estreitas a fim de que haja a regeneração da parte suprimida, não ocorrendo a morte da planta. Esta forma foi constatada com cascas de sucará e de quina.



Figura 17: Lasca de casca de sucará.

Fonte: Acervo da pesquisa, 18 de fevereiro de 2011.

5. Conclusão

Conseguimos com este trabalho, atingir os objetivos propostos que consistiam em analisar a diversidade de plantas e seus usos específicos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS, realizando levantamento de espécies de plantas utilizadas, sua caracterização ecológica e sua identificação taxonômica, bem como o tipo e forma de uso de cada espécie ou grupo de espécies, além de indicar algumas observações e interpretações sobre a importância das plantas para comunidade Kaingang.

Neste sentido, realizou-se o levantamento etnobotânico de 65 espécies, pertencentes a 35 famílias botânicas, com maior predominância para a família Fabaceae, com 9,2% das espécies, seguido das famílias Lamiaceae e Myrtaceae, com 7,7% para cada espécie e das famílias Asteraceae, Poaceae e Solanaceae, com 6,2% das citações para cada família.

As plantas citadas foram categorizadas como medicinais, alimentares, artesanato (uso para artesanato), ritualísticas e outros usos. O grupo de plantas medicinais foi o que mais espécies apresentou com 45 espécies citadas atingindo 57,7% do total de citações, seguido das plantas com uso alimentar, que responderam por 17 espécies e 21,8% de todas as citações.

Um ponto que chamou atenção neste trabalho foi a verificação do grande número de plantas utilizadas para uso depurativo (8), que, juntamente com as plantas usadas para o aparelho digestório e as usadas para o aparelho respiratório, tiveram o maior número de

espécies utilizadas, oito para cada um dos usos, respondendo 14% para cada um dos grupos de uso.

Referente ao papel das plantas para os Kaingang, percebe-se a continuidade do uso das plantas importantes para a comunidade, bem como suas ritualizações, além do sentido de pertencimento que estes têm ao seu modo de ser e a sua cultura. Quanto ao conhecimento, o repasse geracional ainda existe, mas levando em consideração aspectos de sua cosmologia, como, por exemplo, o repasse de informações mais aprofundadas sobre plantas medicinais e ritualísticas quando o repassador já está em idade avançada. Neste sentido, verificamos a compreensão deste povo frente às doenças espirituais que são inerentes aos “feitiços” e a sua cura dependente desta ritualização kaingang.

Na alimentação tradicional dos Kaingang apesar das modificações, tanto pela eliminação de seus pinhais, como pela mudança no seu modo de vida, muitos ainda se utilizam de alimentos como o fuá, o pisé, além de manter constante o uso de batata-doce, mandioca, moranga, abóbora, entre outros. Por outro lado, as condições de pobreza a que muitas famílias se encontram os inferem a uma condição de risco social a que as políticas públicas ainda não têm sido eficientes e constantes.

5.1. Considerações Finais

Achamos pertinente realizarmos algumas considerações referentes ao povo que nos permitiu realizar este trabalho, bem como poder contribuir para melhoria de sua qualidade de vida.

A TI do Guarita e acredito que igualmente as demais TI do estado nunca tiveram apoio público eficiente e constante para propiciar desenvolvimento inclusivo com respeito às especificidades culturais. Sendo assim, nos deparamos com um povo que sorri, mas que externaliza o preconceito que enfrenta há muitas décadas, seja por parte de seus vizinhos não-índios, como pelo Poder Público em todas as suas esferas.

As políticas públicas até então trabalhadas junto à “reserva” não conseguiram compreender essas especificidades além de nunca terem conseguido alocar recursos para proporcionarem resultados concretos.

Em termos de saúde, entendemos como possível a alocação de farmácias para manipulação de fitoterápicos a fim de utilizar o potencial florístico e do conhecimento dos Kaingang, além das políticas públicas em saúde voltadas para estes grupos enfatizar a

utilização dos conhecimentos de benzedadeiras, curandores e kujàs (ver artigo de Langdon, E.J.M., 2004. Uma avaliação crítica da atenção diferenciada e a colaboração entre antropologia e profissionais de saúde. In: Langdon, E.J. *Saúde de Povos Indígenas*: reflexões sobre antropologia participativa. Contracapa/ABA; onde a autora traça uma crítica sobre essa questão).

Cabe acrescentar que já existe uma Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (2006) e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC (2006), vinculadas ao Ministério da Saúde.

A PNPIC atende, sobretudo, à necessidade de se conhecer, apoiar, incorporar e implementar experiências que já vêm sendo desenvolvidas na rede pública de muitos municípios e estados, entre as quais se destacam aquelas no âmbito da Medicina Tradicional Chinesa- Acupuntura, da Homeopatia, da Fitoterapia, da Medicina Antroposófica e do Termalismo-Crenoterapia. Tais sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado (BRASIL, 2006a).

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos tem como objetivo geral garantir à população brasileira o acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional (Brasil, 2006b).

No entanto, na prática, não tem se verificado em nível local o efetivo apoio a estas práticas, bem como o não reconhecimento das práticas de cura dos Kaingang como importantes para proteção de sua saúde e sua afirmação como cultura diferenciada.

Também analisamos como interessante novas pesquisas acadêmicas que visem entendimentos mais aprofundados na identificação do conhecimento local, com respeito à cultura Kaingang e ao seu direito de preservação do conhecimento.

6. Referências

ALBUQUERQUE, Ulysses P. de; HANAZAKI, Natália. **As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas.** Revista Brasileira de Farmacognosia, n. 16 (Supl): p. 678-689, dez. 2006.

ALMEIDA, Ledson Kurtz de. **Análise antropológica das igrejas cristãs entre os Kaingang baseada na etnografia, na cosmologia e dualismo.** Florianópolis: UFSC, 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004A.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar.** Botucatu: UNESP, 1996. p. 47-68.

BARUFALDI, Laura A. **Índice de massa corporal e valores de impedância bioelétrica de crianças e adolescentes indígenas Kaingang, Rio Grande do Sul, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) - Faculdade de Medicina, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BRASIL. Fundação Nacional da Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. Brasília: Funasa/Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. **D.O.U.** Poder Executivo, Brasília, 04 mai. 2006a.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. **D.O.U.** Poder Executivo, Brasília, 23 jun. 2006b.

COMIN. **SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS – 2003.** Parentes e amigos unidos pela reconstrução da vida: A natureza como fonte e parceira do povo. COMIN, São Leopoldo, RS, 2003.

D'ANGELIS, Wilmar; VEIGA, Juracilda. **Alimentação dos Kaingang, ontem e hoje.** s/d. Disponível em <www.portalkaingang.org>. Acesso em novembro de 2010.

DUNHILL, M. P. & FOWDEN, L. 1965. Amino acids of seeds of the Cucurbitaceae. *Phytochemistry* 4: 933-944.

ETKIN, N. L. **Food, medicine and health.** Plants for food and medicine. Londres: The Royal Botanic Gardens Kew, 1998.

FLORA DIGITAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/fitoecologia/lorars/index.php>>. Acesso em Janeiro de 2011.

GREENE, S. The Shaman's needle: development, shamanic agency, and intermediality in Aguaruna Lands, Peru. **American Ethnologist**, v. 25, n. 4, p. 634-58, 1998.

FOLLÉR, M.-L. Intermedialidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde. **In: Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre antropologia participativa** (E. J. Langdon & L. Garnelo, orgs.). Contra Capa Livraria / Associação Brasileira de Antropologia, pp.129-147, 2004.

HAVERROTH, Moacir. **Kaingang** – um estudo etnobotânico: uso e classificação das plantas na Área Indígena Xapecó. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Florianópolis: UFSC, 1997.

HAVERROTH, Moacir. **O contexto cultural das doenças diarreicas entre os Wari', estado de Rondônia, Brasil**: interface entre antropologia e saúde pública. Tese de Doutorado. ENSP/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004. Disponível na página da Fiocruz (www.fiocruz.br).

ISA (Instituto Socioambiental), **Terra Indígena do Guarita**. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3680> acesso em 12 de setembro de 2010.

KUBO, Rumi Regina. **Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Botânica), Porto Alegre: UFRGS, 1997.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco J. de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas**. 2ª Ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.

MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. **Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 3, p. 61-77, set-dez 2006.

MAGALHÃES, Rodrigo Gastal de. **Plantas Medicinais na Região do Alto Uruguai – RS: Conhecimentos de João Martins Fiúza, “Sarampião”**. 1997. Dissertação (Mestrado em Botânica – UFRGS, Porto Alegre, 1997.

MATTE, Dulci Claudete. **"UM ESTUDO SOBRE AS DINÂMICAS SIMBÓLICAS, SOCIAIS, ECONÔMICAS, POLÍTICAS E IDENTITÁRIAS ENTRE OS KAINGANG DE GUARITA – RS"**. Monografia, Unijuí, 2005.

MENEGOLLA, I. A. et al. **Estado nutricional e fatores associados à estatura de crianças da Terra Indígena Guarita, Sul do Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(2): 395-406, fev. 2006.

MENTZ, L. A.; LUTZEMBERGER, L. C.; SCHENKEL, E. P. **Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: Notas sobre a obra de D'Ávila (1910).** 1997. Caderno de Farmácia, v.13, n.1, p. 25-48, 1997.

MISSOURI BOTANICAL GARDENS – **Angiosperm Phylogeny Group, APG-II.** Disponível em <www.mobot.org/mobot/research/apweb/>. Acesso em janeiro de 2011.

NIMUENDAJU, Curt. IN: GONÇALVES, Marco Antonio (Org.). **Etnografia e Indigenismo.** Campinas: Editora Unicamp, 1993.

OLIVEIRA, Maria Conceição de. **Os curadores Kaingáng e a recriação de suas práticas: estudo de caso na aldeia Xapecó (Oeste de S.C.).** Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

OLIVEIRA, Maria Conceição de. Dinâmica do sistema cultural de saúde Kaingang – Aldeia Xapecó, Santa Catarina. In: MOTA, Lúcio Tadeu, NOELLI, Francisco Silva, TOMMASINO, Kimiye (Orgs.). **Urí e Wãxi.** Londrina: UEL, 2000, p. 327-377.

POSEY, Darrel A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Suma Etnológica Brasileira. **Etnobiologia**, v. 1. RIBEIRO, B.G. (Org.), Vozes/Finep: p. 15-28, 1986.

POSEY, Darrel A. Etnobiologia: teoria e prática. In: Suma Etnológica Brasileira. **Etnobiologia**. RIBEIRO, B.G. (Org.), Vozes/Finep: p. 15-25, 1987.

POSEY, Darrel A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais.** Belém: Governo do Estado do Pará. p. 112-117.

RICARDO, C. A. ‘Os índios’ e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: LOPES DA SILVA, A. e GRUPIONI, L.D.B. **A temática indígena na escola.** Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

RITTER, M.R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 12, n. 2, p. 51-62, jul-dez. 2002.

ROSA, J.M.O. da; GOGULSKI, Pe. Estanislau. **O segredo milenar da cura indígena.** Erechim – RS. 2002.

ROSA, R.R.G. da. **“Os Kujà são diferentes”**: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SCHUCH, I. **Perfil socioeconômico e alimentar das famílias indígenas Kaingang do Guarita, RS.** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Engenharia de Alimentos, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Turvo.** Porto Alegre: SEMA, 2005.

SILVA, Sergio Baptista da. **Sociocosmologias indígenas no espaço metropolitano de Porto Alegre.** FASC-03, 2008, p. 73-89.

SILVA, Raullyan Borja Lima e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil.** 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2002.

SILVEIRA, Elaine da. Estudo etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pelos índios Kaingang do Estado do Rio Grande do Sul. In: SILVEIRA, E.; OLIVEIRA, L.D. de. (Orgs.). **Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do RS.** Editora da Ulbra, 2005. p. 101-113.

SOMPRÉ, José U. **Políticas públicas e sustentabilidade:** Projeto RS-Rural na Terra Indígena Guarita – Setor Três Soitas. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Agronomia), Unijuí, Ijuí-RS, 2007.

SOUZA, Vinícius C.; LORENZI, Harri. **Botânica Sistemática:** Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG-II. 2ª Edição. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.

STRECK, E. V. et al. **Solos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Emater/RS; UFRGS, 2002. 107 p.

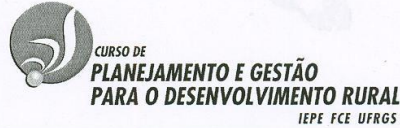
TOLEDO, V. M. La etnobotânica en Latinoamérica: Vicisitude, Contextos, Desafios. Em: **Memorias do VI Congresso Latinoamericano de Botanica.** Simposio de Etnobotânica. Medellín, Colombia: p. 13-34, 1987.

TOMMASINO, K. Território e territorialidade kaingang: resistência cultural e historicidade de um grupo jê. In: Mota, L.T.; Noelli, F.S. & Tommasino, K. (Orgs.). **Uri e Wáxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang.** Editora UEL, Londrina, 2000. p. 191-226.

VEIGA, J. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang.** Tese (Doutorado), UNICAMP, 2000.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. **Kaingang – Português Dicionário Bilingue.** Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGSNOME: DANILO KAKUNE RIBEIRO

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso "Plantas Utilizadas pela Comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** "Plantas Utilizadas pela Comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita" – **do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo

"Analisar a diversidade de plantas e seus usos específicos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS, realizando levantamento de espécies de plantas utilizadas, sua caracterização ecológica e sua identificação etnotaxonômica, bem como o tipo e forma de uso de cada espécie ou grupo de espécies, além de compreender a significação das plantas importantes pela comunidade Kaingang".

A minha participação consiste na recepção do aluno "Juliano Pörsch" para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e de minha propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura: Daniilo Kakune RibeiroTenente Portela, 12 / 01 / 20 11.

ANEXO B: Características gerais das plantas estudadas.

Nome Vulgar	Nome kaingang	Uso	Parte usada	Indicação de uso	Família
Gervão	nèn-tuj	Medicinal	Parte aérea	Aparelho digestório	Verbenaceae
Guaimbé	kò-mrūr	Ritualística Artesanato Alimentar	Não informada raiz aérea fruto	Não aplicado chapéu, detalhes in natura	Araceae
Jerivá	Tènh	Alimentar Artesanato Medicinal	Fruto, palmito Folha Cacho	In natura Não aplicado Anemia/ “amarelão”	Arecaceae
Urtigão	Pyrfè	Alimentar Medicinal	Fruto Raiz	In natura Aparelho excretor	Urticaceae
Orelha de mico	krÿgmẽ	Medicinal	Folha	Estimulante	Araliaceae
Caeté folha miúda	tÿ-fèj-kensir	Outros	Folha	Estética (pele)	Marantaceae
Cipó-cabeludo	senhurum	Medicinal	Folha	Picada cobra, insetos	Asteraceae
Arroz de macuco	on hèn	Outros Medicinal	Folha Folha	Palha para cigarro Picada cobra	Poaceae
Capororoca	kã-pro	Medicinal	Folha	Furúnculo	Myrsinaceae
Araçá	kẽn-kusum	Ritualística	Não informada	Não aplicado	Myrtaceae
Guavirova	pěnvá	Ritualística	Não informada	Não aplicado	Myrtaceae
não identificada	krÿgmẽ-mrūr	Medicinal	Planta inteira	Saúde Mulher (fertilidade)	Não identif
Joá	renh	Medicinal	Raíz	Aparelho digestório	Solanaceae

Peloteira	kèn-kròk	Medicinal Ritualística	Folha Não informada	Pressão alta Não aplicado	Lamiaceae
Mandioca brava	Kumĩ	Alimentar	Folha	Não aplicado	Euphorbiaceae
Samambaia (feto macho)	Pri	Alimentar Medicinal Medicinal	Broto Planta inteira, raíz	Não aplicado Doenças venéreas Saúde Mulher, cólica pós-parto	Dryopteridaceae
Azedinha (trevo)	ÿenè	Alimentar	Tubérculo	Temperar carne, “salgar”	Oxalidaceae
Laranjeira do mato	kÿ-krÿ	Ritualística	Não informada	Não aplicado	Euphorbiaceae
Erva-moura ou fuá	Fuvá	Alimentar	Parte aérea	Fortificante	Solanaceae
Sucará	arenh-mãg	Medicinal	Casca	Depurativa, aparelho excretor	Fabaceae
Quina	kÿn-fa	Medicinal	Casca	Depurativa, alcoolismo	Solanaceae
Sete sangrias	kêg-fun*	Medicinal	Casca	Aparelho digestório	Symplocaceae
Pata de vaca	kevimãg	Medicinal	Casca	Depurativo, aparelho excretor	Fabaceae
Guiné	hunh	Medicinal	Folha	Picada cobra, ap.respiratório	Phytolaccaceae
Cipó sumo	mrÿr-kanèr	Medicinal	Casca, caule	Anemia, Depurativo	Violaceae
Alfavaca	krÿgmẽ*	Medicinal	Folha	Hematoma, olhos, ap. respirat.	Lamiaceae
Caraguatá miúdo	renh-kèn-sir	Alimentar	Palmito	Salada	Apiaceae
Jaracatiá	kèn-so	Alimentar	Tronco, fruto	Doce de “cocada”, in natura	Caricaceae
Cedro	Fò	Medicinal	Casca	Feridas	Meliaceae
Grandiúva	kupi	Medicinal	Folha	Olhos	Cannabaceae
Amora branca	krèkny	Medicinal	Folha	Anemia/ “amarelão”	Rosaceae

Guajuvira	Úí ou vyi	Outros	Caule	Palanques	Boraginaceae
Cipó escada	oior-jet	Medicinal	Entrecasca	Anemia/ “amarelão”	Fabaceae
Tarumã	kèn-tam-prẽ	Medicinal	Folha, casca	Depurativo	Lamiaceae
Toco verde		Medicinal	Parte aérea	Aparelho digestório	Asteraceae
Guanxuma	nèn-tuj	Medicinal	Raíz	Aparelho digestório	Malvaceae
Limão de macaco		Medicinal Alimentar	Folha Fruto	Aparelho Respiratório In natura	Rubiaceae
Caqui do mato pau de bugre		Medicinal	Folha	Peste do gado	Ebenaceae
Catiguá vermelho, pau de tinta		Artesanato	Casca	Tingir artesanato	Meliaceae
Criciúma	crẽ*	Alimentar Artesanato	Broto Colmo	In natura Cestas, peneiras	Poaceae
Taquaruçu	Uón-ua-sá*	Alimentar Artesanato	Broto Colmo	In natura Balaios	Poaceae
Salsaparrilha		Medicinal	Tubérculo	Anemia, depurativo	Agavaceae
Boldo		Medicinal Outros	Folha Folha	Aparelho respiratório Repelente mosquito	Lamiaceae
Nêspera		Medicinal	Broto	Problema respiratório	Rosaceae
Leiteiro		Artesanato	Caule	Miniaturas animais	Euphorbiaceae
Moranga	pèho	Alimentar	Fruto	Doce, refogado	Cucurbitaceae

Abóbora	Mòmra	Alimentar Medicinal	Fruto Semente	Doce, refogado Vermífugo	Cucurbitaceae
Milho	gãr	Alimentar	Semente	Pisé, farinha, outros usos	Poaceae
Batata-doce	matata-grējgy	Alimentar	Tubérculo	Cozida, assada	Convolvulaceae
Feijão	rãngrò	Alimentar	Semente	Cozido	Fabaceae
Hortelã		Medicinal	Parte aérea	Vermífugo	Lamiaceae
Erva de bicho		Medicinal	Parte aérea	Vermífugo	Polygonaceae
Pega-pegã		Medicinal	Parte aérea	Depurativo	Fabaceae
Camboatã-branco	Sãkrĩkri*	Ritualística	Folha	Não aplicado	Sapindaceae
Angico-vermelho	karumãg	Medicinal	Cerne	Fortificar a memória	Fabaceae
Laranjeirinha		Medicinal	Folha	Cãncer de pele	Solanaceae
Açoita-cavalo	Ken-tã-iũ*	Medicinal	Casca	Aparelho respiratõrio	Malvaceae
Caraguatã		Medicinal	Fruto	Aparelho respiratõrio	Bromeliaceae
Pitanga	Jymi	Medicinal	Casca	Aparelho digestõrio	Myrtaceae
Sete capotes		Medicinal	Casca	Aparelho digestõrio	Myrtaceae
Jaboticaba	Mã*	Medicinal	Casca	Aparelho digestõrio	Myrtaceae
Agave		Medicinal	Folha	D. venéreas, ap. respirat.	Agavaceae
Carrapicho-de-carneiro		Medicinal	Parte aérea	Cãncer de útero	Asteraceae
Mata campo		Medicinal	Folha	Cãncer de útero	Asteraceae
Avenca	Pri*	Medicinal	Folha	Sãude mulher (menstruaçãõ)	Pteridaceae

* nomes Kaingang extraídos de Haverroth (1997) e Rosa & Gogulski (2002).